

Marcos Natalino Legnani

**DESAPEGO, HUMILDADE E ORAÇÃO NO ITINERÁRIO DE
TERESA DE ÁVILA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa
Catarina para a obtenção do Grau
de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Msc. Edimar
Fernando Moreira
Coorientadora: Prof. Dra. Maria
Teresinha Resenes Marcon

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

LEGNANI, Marcos Natalino

Desapego, humildade e oração no itinerário de Teresa de
Ávila / Marcos Natalino Legnani; orientador, Edimar
Fernando Moreira; coorientadora, Maria Teresinha Resenes
Marcon – Florianópolis, SC, 2019.

73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de
Santa Catarina. Superior em Teologia

Inclui referências:

1. Teresa de Ávila. 2. Desapego. 3. Humildade. 4. Oração.

Marcos Natalino Legnani

**TÍTULO: DESAPEGO, HUMILDADE E ORAÇÃO NO
ITINERÁRIO DE TERESA DE ÁVILA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologiae** aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 16 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Msc. Edimar Fernando Moreira
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Profa. Msc. Silva Regina Nunes da Rosa Togneri
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliadora

Profa. Msc. Patricia Schmidt Hahn de Lima
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder a sabedoria e a força de cursar a graduação em Teologia. Agradeço aos pais Valdir Legnani e Zeli Beltrame Legnani que me apoiaram e deram força nesta luta. Agradeço aos meus irmãos Eder Legnani e Adriano Legnani que me ajudaram muito e também às cunhadas Gisleine Nezi Legnani e Evandrine Aparecida Pereira Legnani que me apoiaram. Aos meus amados sobrinhos Gabriele Nezi Legnani, Gabriel Nezi Legnani e Flávio Miguel Pereira Legnani que me incentivam na caminhada. Não poderia esquecer de agradecer aos grandes mestres, professores da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), mas também aos colaboradores do corpo técnico-administrativo. Obrigado a Diocese de Criciúma, na pessoa de nosso bispo Dom Jacinto Inácio Flach, padre José Aires de Sousa Pereira e conselho de formação que me apoiaram e me deram forças para cursar esta graduação. Obrigado aos meus irmãos seminaristas e aos amigos e colegas da FACASC que me deram força e esperança. Quero agradecer imensamente ao orientador, professor e mestre Edimar Fernando Moreira e a coorientadora e professora, doutora Maria Teresinha de Resenes Marcon que não mediram esforços em orientar a monografia. Foram dias de lutas, batalhas, correções, mas tudo ocorreu para melhorar e fortalecer o trabalho. Obrigado e que Deus lhes recompense. Obrigado também ao padre Maxssuél da Rosa Mendonça que me dá apoio, incentivo e anima minha caminhada vocacional. Obrigado pela amizade e por sua atenção. E quero agradecer a todos os benfeitores que torcem, rezam, apoiam e ajudam em minha caminhada vocacional. Que Deus lhes cumule de graças e bênçãos a todos. Obrigado por tudo. E como diz Santa Teresa de Jesus: “Tudo passa, só Deus basta”.

Andava acabrunhada pelos sofrimentos e faziam-se muitas orações para que o Senhor me conduzisse por outro caminho que fosse mais seguro, visto afirmarem ser tão suspeito o que eu seguia.

(Santa Teresa de Jesus)

RESUMO

O presente trabalho, de ordem bibliográfica, busca expor o modelo de itinerário espiritual proposto por Teresa de Ávila a partir de sua experiência mística e contemplativa com Deus e com a realidade que viveu. No início, é abordado o contexto histórico do século XVI marcado principalmente pela Reforma protestante, pelo Concílio de Trento e pela Inquisição Espanhola. Em seguida, analisa-se como Teresa vivenciou as diversas situações desse século, entrou no convento e percebeu os desvirtuamentos das irmãs que ela também viveu antes da conversão. Mais tarde, fundou o mosteiro São José, onde aplicou os princípios da Reforma da Ordem na Espanha. Nesse contexto, escreveu várias de suas obras. Deixou-nos um legado espiritual baseado sobre o tripé do desapego, da humildade e da oração. Nesse sentido, a reflexão espiritual de Teresa é uma rica oportunidade para dialogar com a atualidade.

Palavras-chave: Teresa de Ávila. Desapego. Humildade. Oração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E RELIGIOSO NO SÉCULO XVI	15
1.1 REFORMA PROTESTANTE.....	17
1.2 A CONTRA REFORMA CATÓLICA	21
1.3 INQUISIÇÃO ESPANHOLA	24
1.4 VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA	27
2 TERESA DE ÁVILA	29
2.1 TERESA NO MOSTEIRO CARMELITA DA ENCARNAÇÃO ..	31
2.2 A VIDA NO MOSTEIRO SÃO JOSÉ.....	33
2.3 FUNDAÇÃO DE OUTROS MOSTEIROS	34
2.4 TERESA E SUA DOCTRINA (OBRAS).....	38
2.4.1 O livro da vida.....	39
2.4.2 O caminho de perfeição.....	41
2.4.3 O Castelo Interior ou Moradas	42
2.4.4 As fundações	43
2.5 O LEGADO DE TERESA	44
3 ITINERÁRIO ESPIRITUAL	47
3.1 O DESAPEGO	47
3.2 A HUMILDADE.....	50
3.3 A ORAÇÃO	56
3.4 UMA LEITURA PARA HOJE	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

Vive-se hoje em um período marcado fortemente pelo relativismo em vários aspectos, no campo espiritual não é diferente. Pode-se perceber, porém, que nem tudo está perdido. Existem diversas pessoas vivendo uma vida constante de busca de Deus e, para muitas dessas pessoas, a sede de Deus é grande e o ideal é seguir um itinerário espiritual.

Por isso o objetivo geral do trabalho é expor o modelo de itinerário espiritual proposto por Teresa de Ávila a partir de sua experiência mística e contemplativa com Deus e com a realidade que viveu. Este trabalho parte de uma pesquisa exploratória, com base em livros escritos sobre a vida de Teresa de Ávila e da própria autora.

Na primeira parte do trabalho iremos descrever elementos do contexto histórico, social e religioso do século XVI na Europa. Século conhecido por uma sociedade que passou por diversas mudanças. Surgiu o movimento renascentista que desejou retornar à Antiguidade cristã, revalorizando a arte, a ciência e a filosofia clássica.

O sistema feudal perde sua força e a burguesia ganha, surgindo o Estado Moderno. A Igreja começa a perceber o enfraquecimento no campo financeiro perante a burguesia. Os problemas sociais começam a surgir e a moral da Igreja não atendia aos problemas concretos de seus fiéis. O capitalismo vai crescendo.

E nesse período que a Igreja no Ocidente clama por uma reforma, pois o povo protestava contra o domínio do clero e a política do papa. Diante desse contexto, surgiu Martinho Lutero, sacerdote católico, que interpretou o Magistério de outro modo, idealizando uma reforma religiosa.

Lutero com as suas 95 teses combateu os abusos, as indulgências e os ministérios da Igreja. Afirmando que a salvação acontece só por três solas: *sola fidei*, *sola gratia*, *sola Scriptura*. Lutero estava preocupado, de fato, com a salvação da pessoa.

A Igreja católica, diante destes ataques de Lutero, começou a analisar e a preparar um concílio, que buscou organizar o clero, reformar as ordens religiosas, fundar seminários, reformular a reflexão sobre os sacramentos, entre outros assuntos. O Concílio de Trento aconteceu em 1545 e durou dezoito anos, sendo considerado o mais longo da história.

Ainda nesse século a Espanha tinha o seu Tribunal da Inquisição, e quem cometia heresia era preso. Os reis queriam expulsar os muçulmanos e os judeus das terras espanholas, mas, muitas vezes, não conseguiam e partiam para a Inquisição com torturas de diversos modos. Muitos judeus aceitaram o Batismo para não serem mortos.

A vida religiosa, diante do contexto da Reforma Protestante e da Inquisição Espanhola, estava passando por crise, repercutiu na reforma dos Ordens tradicionais. A vida enclausurada estava desviada e algumas regras já não atraíam vocacionados.

Diante de toda a realidade vivenciada, na segunda parte do trabalho será especificada a espiritualidade de Santa Teresa a partir de sua biografia, fundações e escritos. Nela será explanada a vida de Teresa, a entrada no convento da Encarnação, a fundação do mosteiro São José, demais mosteiros e suas obras importantes: *Caminho de perfeição*; *Livro da Vida*; *Castelo Interior ou Moradas* e *As Fundações* e assim como outras cartas e escritos que contribuíram e contribuem para os religiosos e para as pessoas interessadas na espiritualidade teresiana.

Teresa soube suportar com sabedoria, coragem, determinação, confiança em Deus a vida no mosteiro da Encarnação e quando reformou a regra e fundou o mosteiro São José. Esse foi o primeiro de muitos outros mosteiros que fundaria posteriormente. Teresa era vista como a andarilha de Deus, tendo o desejo de voltar às raízes da espiritualidade carmelitana.

O legado de doutora da Igreja é viver a vida de oração e buscar com todas as forças a salvação das almas, é buscar viver a via dupla do amor, que é amar a Deus e ao próximo, pois, o carisma do carmelita é viver continuamente a busca constante de Deus e do próximo.

Chegar-se-á, então, ao coração do trabalho, que é a terceira e última parte. Nela, quer-se identificar as dimensões do desapego, da humildade e da oração, encontradas na doutrina teresiana como possibilidade de crescimento no itinerário espiritual. Trata-se de um tripé espiritual proposto às suas monjas, mas que pode servir a qualquer cristão.

Consequentemente torna-se pertinente questionar: qual o itinerário correto para o crescimento na vida espiritual proposto na perspectiva e na experiência de Teresa de Ávila, para uma espiritualidade centrada em Jesus Cristo, diante de um mundo em que vive um laxismo religioso e sem direção? E como é possível aplicar esse itinerário para um ateu ou um não cristão?

Teresa muito ensina através dos seus fortes, profundos e belos escritos. O que resta agora a nós é viajar neste mundo importantíssimo do desapego, da humildade e da oração como itinerário na vida espiritual. Seu pensamento muito ajuda no crescimento espiritual de muitas pessoas.

1 O CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E RELIGIOSO NO SÉCULO XVI

A história do povo de Israel é marcada pela presença de Deus que caminha com seus amados. Na encarnação de Jesus, a proximidade de Deus com os seus se torna ainda mais eminente. É ao longo da história que o povo vai reconhecendo ou não a presença de Deus. Por isso, faz-se necessário sempre retomarmos o contexto em que os fatos se dão no decorrer da história da Igreja. Nessa primeira parte, temos por objetivo descrever alguns elementos do contexto histórico, social e religioso do século XVI na Europa.

Na segunda metade do século XV despontou o movimento renascentista, resultado após diversas causas, como: o crescimento das cidades e do comércio; o desenvolvimento do humanismo; a influência das civilizações bizantinas e a evasão que foi avançando do misticismo e ascetismo do início da Idade Média. Por isso, o humanismo presava pelo homem universal e enaltecia a cultura da Antiguidade clássica.¹ Esse panorama tem início,

na Baixa Idade Média, quando o renascimento comercial e urbano, a abolição dos laços servis e o aparecimento da classe burguesa lentamente iniciaram a transformação da sociedade, imprimindo-lhe um caráter não-religioso.²

Reviveu-se a mentalidade dos antigos pagãos com a influência dos clássicos greco-romanos. Tudo isso fez enfraquecer o vigor da fé cristã e a integridade dos dogmas.³ “A mentalidade cristã feudal foi perdendo terreno com a formação de um corpo de professores leigos, voltados principalmente para o estudo das leis”.⁴ Com fortalecimento da burguesia, surge na Idade Moderna dois movimentos que a caracterizam: o Renascimento e a Reforma Protestante.

¹ MAIOR, A. Souto. **História Geral**. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1971. p. 286.

² PAZZINATO, Alceu Luiz; SENISE, Maria Helena Valente. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 26.

³ AQUINO, Felipe R. Q. **História da Igreja**: Idade Moderna e Contemporânea. Lorena: Cleófas, 2017. p. 69.

⁴ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 26.

Sabe-se que o século XVI foi um período de grandes mudanças tanto para a sociedade como para a Igreja, pois, foi o século de grandes acontecimentos e reviravoltas no Ocidente.⁵ A passagem da Idade Média para a Idade Moderna causou mudanças no sistema feudal que deu origem ao Estado Moderno⁶, com “a burguesia estimulando uma nova cultura que lhe garantisse uma posição social com poder econômico”.⁷

O desenvolvimento da expansão marítima e comercial, e, diante desse novo contexto, a moral econômica da Igreja entrou em choque com a atividade da grande burguesia. Essa classe que lutava pelas atividades comerciais, mas se sentiu incomodada pela posição tradicional da Igreja, que não aceitava a cobrança da usura e “travava o desenvolvimento do comércio e das atividades financeiras, mostrando-se insensível às novas necessidades da burguesia europeia”.⁸ Surgindo uma nova ética religiosa, adequada ao espírito do capitalismo comercial,⁹ e a organização dos Estados nacionais, com a consequente redução da autoridade papal.¹⁰

As transformações econômicas e sociais, a difusão dos ideais humanistas e o desenvolvimento das ciências, do individualismo e do antropocentrismo, em oposição ao teocentrismo, vão originar um movimento de contestação da autoridade da Igreja e de suas normas.¹¹ A velha moralidade cristã já não atendia as novas realidades urbanas e seus complicados problemas sociais, advindos da nova economia fundada no capitalismo comercial que contagiou as relações pessoais e religiosas.¹²

⁵ FRÖHLICH, Roland. **Curso Básico de História da Igreja**. Trad. Alberto Antoniazzi. São Paulo: Paulus, 1987. p. 119.

⁶ “O Estado Moderno nasceu na segunda metade do século XV, a partir do desenvolvimento do capitalismo mercantil nos países como a França, Inglaterra, Espanha, e Portugal e mais tarde na Itália. Foi na Itália que surgiu o primeiro teórico a refletir sobre a formação dos Estados Modernos, Nicolau Maquiavel, que no início de 1500 falou que os Estados Modernos fundam-se na força”. WIKI LIVROS. **Estado moderno**. Disponível em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/Estado_moderno>. Acesso em: 28 mar. 2019.

⁷ PAZZINATO, Alceu Luiz; SENISE, Maria Helena Valente, 1997, p. 26.

⁸ PAZZINATO, Alceu Luiz; SENISE, Maria Helena Valente, 1997, p. 63.

⁹ GUIA, Edenilson M.; NETO, Ivo Fitz; COSTA, Maria E. F. **Qual foi a contribuição da Reforma Protestante para a educação pós-moderna no Brasil**. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade de Pindamonhangaba (FUNVIC), São Paulo, 2016. p. 17.

¹⁰ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 62.

¹¹ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 62.

¹² WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 23.

O século anterior à Reforma trouxe uma total reestruturação da economia e da organização dos Estados. O surto se alastrou pela Itália, França, Inglaterra, e, sobretudo pelo sul da Alemanha e envolveu a Igreja em uma grave crise econômica.¹³ As causas da crise econômica da Igreja vão estar relacionadas às alianças estabelecidas entre os reis e a burguesia para organizarem os Estados nacionais, uma vez que “a descentralização política mostrou-se inadequada às necessidades de um comércio em expansão”.¹⁴ Paralelo a esta aliança foram criadas igrejas nacionais e formou-se “sensível redução do recolhimento do dízimo, pois a maior parte dos impostos pagos pela população era destinada a monarquias nacionais”.¹⁵

A necessidade ideológica da burguesia foi satisfeita, em grande parte, com a ética protestante, que surgiria com a Reforma. Convém ressaltar, entretanto, que nem todos os líderes reformistas estavam dispostos a incentivar as práticas do capitalismo. Por exemplo, Lutero, condenava de forma severa o luxo e a usura, propondo para os cristãos um ideal de vida modesto, em que não existiria o anseio pelo lucro e a vaidade pelas riquezas materiais.¹⁶ Vejamos mais detalhadamente, agora, como essa Reforma se apresenta na Igreja.

1.1 REFORMA PROTESTANTE

“Desde o século XII ecoava na Igreja do Ocidente o apelo de uma reforma. O motivo era que alguns cristãos protestavam contra a dominação do clero e a política do papa, bispos e padres”.¹⁷

Nesse período, havia uma distância entre o que a Igreja pregava e o que o alto clero fazia. Assim, muitas críticas foram feitas, destacando-se alguns pontos, tais como:

a riqueza material da Igreja – que promovia um relaxamento dos deveres espirituais do clero, bem como isenções fiscais e jurídicas das propriedades eclesiásticas, que eram consideradas injustas. A

¹³ TÜCHLE, Germano. **Nova História da Igreja: Reforma e Contra-Reforma**. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 16.

¹⁴ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 27.

¹⁵ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 63.

¹⁶ GUIA; NETO; COSTA, 2016, p. 17.

¹⁷ COMBLIN, José. Curso Popular de História de Igreja. **As divisões**. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 26.

atitude mundana do alto clero – muitos prelados usavam indevidamente as rendas da igreja em proveito próprio, dedicando-se apenas a suas atividades de senhores feudais e deixando em segundo plano suas obrigações religiosas. A prática da simonia – ou seja, o comércio das coisas sagradas: venda de cargos eclesiásticos, de indulgências.¹⁸

No início do século XVI, o desejo pela reforma da Igreja foi forte, sobretudo por parte de pessoas que tinham um pouco de instrução.¹⁹ Havia muitos bispos mundanos, desfrutando de ricos benefícios e sacerdotes, ignorantes e pobres, formavam um proletariado clerical, o baixo clero.²⁰

Para compreender a essência da Reforma Luterana é preciso entender que a nobreza alemã, naquele período, estava descontente com o poder político, com a concentração de terras, acompanhada pela crise institucional e moral pela qual passava a Igreja Católica.²¹

Diante deste contexto político, econômico, social e religioso surge Martinho Lutero²², sacerdote católico, que interpretou de maneira diferente aquilo que o Magistério da Igreja apresentava e seguia. Por isso, ele idealizou a reforma religiosa na Alemanha.²³

Tudo começa com as 95 teses que Lutero escreveu e publicou no ano de 1517 nos muros da Faculdade de Teologia de Wittenberg. Teses escritas

¹⁸ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 63.

¹⁹ COMBLIN, 1993, p. 27.

²⁰ AQUINO, 2017, p. 69.

²¹ PAZZINATO; SENISE, 1997.

²² “Martinho Lutero (1483-1546) nasceu a 10 de novembro de 1483 em Eisleben no eleitorado da Saxônia, filho de um agricultor e depois sócio de uma pequena empresa de mineração. Sua juventude desenvolveu-se sob a disciplina severa e um pouco de taciturna da casa paterna e da escola. Depois da necessária preparação da escola elementar frequentada em Mansfeld, para onde a família se tinha logo transferido, depois em Magdeburgo e em Eisenach, na primavera de 1501 ingressou ele na universidade de Erfurt, onde realizou primeiramente, os estudos filosóficos, tornando-se, em 1502, bacharel e em 1505, magister artium. No ambiente universitário dominava a escolástica na forma da Via Moderna, isto é, do nominalismo ou ocamismo [...]. Iniciou, portanto, propriamente o estudo superior da teologia guiado pelo comentário às Sentenças de Gabriel, [...].BIHLMAYER, Karl; TUECHLE, Hermann; CAMARGO, Paulo. **História da Igreja: Idade Moderna**. V. 3. São Paulo: Paulinas, 1965. p. 23-24.

²³ AQUINO, 2017, p. 69.

por ocasião da campanha das indulgências para a construção da nova basílica de São Pedro, em Roma.²⁴ “Nelas Lutero denunciava publicamente as irregularidades da Igreja. Apoiado por Frederico, o influente príncipe eleitoral da Saxônia, Lutero pode divulgar suas ideias”.²⁵ A intenção de Lutero era a de combater os abusos, porém, as suas teses significavam a oposição não só às indulgências, mas também ao ministério da Igreja em defesa da salvação dos homens.²⁶

A campanha contra a indulgência fez com que Lutero lutasse em prol de seus princípios básicos: a salvação somente pela fé confiante e não pelas práticas religiosas, e a convicção da salvação através das provações, não necessitando de intermediários (clero) entre os fiéis e Deus.²⁷

Em 15 de junho de 1520, o papa Leão X publicou a bula *Exsurge Domine*, ameaçando Lutero de excomunhão se ele não comparecesse em 60 dias no Vaticano. Lutero, porém, queimou a bula em público, não atendeu o chamamento do papa e conseguiu escapar à condenação.²⁸

Em 1521, Lutero se refugia no castelo de Wartburg (Saxônia) e inicia suas atividades. Dentre elas a tradução do Novo Testamento do latim para o alemão; o comentário sobre o *Magnificat*; e uma reflexão sobre a validade dos votos monásticos e da missa privada.²⁹

Lutero aprofunda suas reflexões sobre a doutrina cristã estabelecendo os princípios de uma nova religião com a

substituição do latim pelo alemão nos cultos religiosos; preservação de apenas dois sacramentos: batismo e eucaristia; centralização do culto religioso na leitura e interpretação das escrituras pelos próprios fiéis e rejeição da hierarquia religiosa e do celibato obrigatório dos sacerdotes.³⁰

Para Lutero, a Palavra de Deus é que confere a fé. É o meio essencial da graça e salvação. O ato central no culto divino não é o sacrifício

²⁴ COMBLIN, 1993, p. 27.

²⁵ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 64.

²⁶ AQUINO, 2017, p. 86.

²⁷ TÜCHLE, 1971, p. 52.

²⁸ COMBLIN, 1993, p. 28.

²⁹ MATOS, Henrique C. José. **História do Cristianismo**: estudos e documentos, período moderno. Belo Horizonte: O lutador, 1997. p. 52.

³⁰ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 65.

eucarístico, mas sim, o sermão. Para ele os Sacramentos³¹ são apenas confirmações visíveis da justificação, que foi realizada pela Palavra de Deus na fé, podendo ser dispensados.³²

Lutero em suas falas não cessa de dar ênfase e de polemizar a supremacia absoluta de Deus sobre nós. Todo esse enfoque representa o núcleo do cristianismo da Reforma: *sola gratia, sola fidei, sola Scriptura*.³³

Ele estava preocupado com a salvação das pessoas. Buscava abarcar isso através de pregações, exposições, comentários, tratados e profissões de fé, testemunhando de maneira contagiante e intensa a vida nova que Deus lhe permitira ter. Seus ensinamentos testemunhavam e transmitiam a experiência da Palavra e do Espírito em sua vida.³⁴

Lutero não se preocupou em apresentar uma teologia sistemática ou um compêndio com *locus* teológico. Mas seu pensamento é coerente ao abranger todos os aspectos da vida humana. Possuía um caráter combativo e se expressava de modo especial para se defender quando preciso. Talvez, refletiu uma imagem de inflexibilidade sobre ele durante alguns anos perante os caminhos e a inflexibilidade de outros reformadores. Ele contribuiu, em todo o caso, para a abertura definitiva da unidade do movimento reformatório.³⁵

O ataque que Lutero faz a Igreja se torna cada vez mais global, afetando a eclesiologia e os sacramentos. Essa polêmica mudança, de direção das indulgências para a problemática eclesiológica, na qual foram gradualmente sendo questionadas as autoridades jurídica e magisterial da Igreja, do papa e dos concílios, foi fortemente importante, pois, aquilo que no começo podia ser tratado como acontecimento local, torna-se, de modo rápido, o elemento central da vida da Igreja e até mesmo da grande política.³⁶

Em 1530, diante da Dieta de Augsburgo, convocada por Carlos V, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, os luteranos expuseram oficialmente sua doutrina.[...] Muito embora não fosse aceito pela

³¹ “Lutero só admitiu três Sacramentos: o Batismo, a Penitência e a Eucaristia”. ZAGHENI, G. **A idade moderna**: Curso de História da Igreja III. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.p. 120.

³² AQUINO, 2017, p. 89.

³³ ZAGHENI, 2011, p. 121.

³⁴ WACHHOLZ, 2010, p. 81.

³⁵ WACHHOLZ, 2010, p. 81.

³⁶ WACHHOLZ, 2010, p. 81.

Dieta, o luteranismo já contava com a adesão de muitos alemães, inclusive alguns príncipes, que viam na Reforma uma oportunidade de ampliar seus domínios através do confisco dos bens da Igreja Católica.[...] Em 1555, quando foi assinada a Paz de Augsburgo, foi reconhecida oficialmente a nova doutrina, concedendo aos príncipes alemães o direito de impor sua própria religião a seus súditos, o que na prática significou dividir a Alemanha entre católicos e luteranos.³⁷

Vemos que a Reforma Protestante contribuiu positivamente, pois, abriu novos horizontes, tanto para a Igreja para o Estado. Mas abalou muito as estruturas da Igreja Católica, que precisava de reforma em alguns aspectos e, com a reação de Lutero, sentiu-se obrigada a fazer o Concílio de Trento.

1.2 A CONTRA REFORMA CATÓLICA

A ideia de reforma na Igreja já era algo antigo e após a ruptura religiosa, ela aconteceu envolvendo tanto os católicos como os protestantes.³⁸ Essa reação foi uma forma da Igreja Católica enfrentar de forma ampla uma Europa reestruturada sob o impacto da cultura humanista.³⁹

Com o aparecimento das igrejas protestantes, a Igreja Católica reagiu no sentido de reafirmar os seus princípios fundamentais relacionados à doutrina, ao ensinamento e à pregação. Essa contra reforma envolveria quatro pontos principais, começando por uma intensa renovação do ministério da Palavra, que era o fundamento essencial da atividade pastoral. Na seguinte forma:⁴⁰

a) Considerava a Tradição – interpretações realizadas pelos padres da Igreja, pelo papa e pelos concílios – junto com as Escrituras, um dos fundamentos da fé, e que o único texto autêntico da Bíblia era a *Vulgata* – tradução latina de um texto grego feita por São Jerônimo no século IV;

³⁷ PAZZINATO; SENISE, 1997, p.65.

³⁸ PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 183.

³⁹ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 69.

⁴⁰ ZAGUENI, 2011, p. 170.

b) Confirmou e definiu com precisão os dogmas e práticas rituais católicas (a presença real de Cristo na Eucaristia, a salvação pela fé e pelas obras, os sete sacramentos, o culto à Virgem Maria e aos santos; c) Procurou corrigir os abusos da Igreja, adotando as medidas necessárias para assegurar um clero mais instruído e com moral mais firme, mantendo a proibição do casamento dos padres, criando seminários para a formação de sacerdotes; d) Fortaleceu a hierarquia e a unidade da Igreja Católica, ao confirmar a supremacia do papa como pastor universal de toda a Igreja.⁴¹

A necessidade de um concílio era gritante e havia sido pregado por Lutero e seus seguidores. Mas, para dar início ao concílio, havia oposição entre o imperador Carlos V da Alemanha com o papa Clemente VII e o rei Francisco I da França, pois o papa temia o fantasma do conciliarismo e o superpoder de Carlos V. O rei Francisco I percebia o concílio como um movimento de peças do tabuleiro da política europeia, ou seja, queriam usar do concílio como uma espécie de ameaça ou chantagem à política espanhola e papal.⁴²

Vencidas as muitas dificuldades para a realização do início do concílio, o papa Paulo III⁴³ convocou-o para o dia 15 de março de 1545. Devido a ausência de muitos bispos e outras dificuldades, a abertura só ocorreu em 15 de dezembro do mesmo ano.⁴⁴

Enfim, o concílio aconteceu e os prelados presentes eram somente 231.⁴⁵ O primeiro período tratou dos dogmas, de abril de 1546 a abril de 1549 (sessões I-X). Nele foram definidas as tradições apostólicas com o mesmo respeito da Sagrada Escritura; a *Vulgata* de São Jerônimo foi declarada autêntica; tratou-se do pecado original e da justificação; estabeleceu-se o número de sacramentos; definiu-se sobre o batismo e a crisma; os bispos foram obrigados a morar na diocese e a cuidar do ensino

⁴¹ PAZZINATO; SENISE, 1997, p. 69.

⁴² ZAGUENI, 2011, p. 173.

⁴³ Mesmo sendo um personagem ambíguo, ambicioso, nacionalista e que confiava mais na astrologia do que na teologia, o papa Paulo III foi quem convocou o tão esperado concílio reformador. GONZALES, Justo L. **A era dos reformadores**. São Paulo: Vida nova, 1989. p. 195-197.

⁴⁴ ZAGUENI, 2011, p. 175.

⁴⁵ GONZALES, 1989, p. 198.

da Palavra de Deus nas catedrais e mosteiros.⁴⁶As atividades foram suspensas por Paulo III em 1549, em decorrência da epidemia de tifo e da transferência do concílio para Bolonha, com o objetivo de afastar-se da excessiva ingerência de Carlos V.⁴⁷

No segundo período, com o papa Júlio III, de abril de 1551 até abril de 1552 (sessões XI – XVI), foi definida a doutrina sobre os sacramentos de eucaristia, na qual foi sancionado o termo da transubstanciação (a presença de Cristo na Eucaristia), a unção dos enfermos passou a ser sacramento e a confissão ouvida.⁴⁸ O concílio é suspenso em 1552 devido ao fracasso das negociações com os protestantes e à traição de Maurício da Saxônia, que passara a apoiar os franceses.⁴⁹

O terceiro período, entre janeiro de 1562 até dezembro de 1563 (sessões XVII – XXV) com o papa Pio IV, ficou conhecido pela crise religiosa na França e pela ameaça do calvinismo. Nele se completou o programa de sacramentos (sacrifício da missa, ordem e matrimônio), delimitou o perfil da grande reforma do episcopado e a reforma do clero inferior e dos regulares.⁵⁰ Foi promulgado um decreto determinando a redação de um novo Índice de livros proibidos.

Em meios às pressas da última sessão foi tratado sobre as indulgências e condenando todos os tipos de abuso (questões disciplinares), envolvendo também questões relativas ao purgatório, a veneração das imagens dos santos. Também deveriam ser instituídos seminários para a melhor preparação do ministério pastoral dos sacerdotes.⁵¹

Foi um concílio longo, que durou 18 anos, com interrupções e agitações. Porém, ele marcou o nascimento da Igreja Católica moderna. Não era exatamente a Igreja que Lutero queria, mas foi um novo fenômeno, produto de uma reação contra o protestantismo⁵² e

cujas orientações guiaram os católicos de todo o mundo durante quatrocentos anos. Mudanças fundamentais começaram a ocorrer somente com o papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano

⁴⁶ ZAGUENI, 2011, p. 178.

⁴⁷ PAZZINATO; SENISE, 1997.

⁴⁸ PIERRARD, 1982, p. 186.

⁴⁹ PAZZINATO; SENISE, 1997.

⁵⁰ ZAGUENI, 2011, p. 179.

⁵¹ ZAGUENI, 2011, p. 179.

⁵² GONZALES, 1989, p. 200.

II, para redefinir as posições da Igreja e adequá-las às necessidades e desafios do mundo contemporâneo.⁵³

Esse importante concílio fez com que a Igreja tomasse algumas medidas necessárias para o bom andamento do clero, da doutrina e de outros assuntos. Também nesse mesmo século a Inquisição Espanhola foi instaurada para reconquistar a Espanha e tirar das mãos dos muçulmanos. Tendo como fundo político e religioso a conversão dos judeus e muçulmanos ao catolicismo.

1.3 INQUISIÇÃO ESPANHOLA

A Igreja organizou o Tribunal da Inquisição ou Santo Ofício encarregado de combater a Reforma Protestante. Assim, em 1543, o papa Paulo III mandou erigir o *Index* – catálogo dos livros de leitura proibida aos fiéis, por serem considerados perniciosos à fé.⁵⁴

A Inquisição foi uma instituição da Igreja medieval destinada à repressão da heresia. A partir do século XVI, as atividades da Inquisição concentraram-se na Espanha e na Itália, em sua luta contra as ideias do Renascimento e da Reforma. A Bula de Sisto IV, datada de 1º de novembro de 1478, dá início oficial a Inquisição Espanhola por solicitação dos reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela.⁵⁵ O desejo dos mesmos era a proteção da coroa e da Igreja.⁵⁶

Em 1545, o papa Paulo III instituiu a congregação da Inquisição – os Dominicanos, com sede na Espanha. E o grande inquisidor, nomeado pelo papa, foi: Frei Tomás de Torquemada⁵⁷, que conduzia diante da lei e das normas o processo inquisitório.⁵⁸

⁵³ PAZZINATO; SENISE, 1997, p.69.

⁵⁴ PAZZINATO; SENISE, 1997, p.69.

⁵⁵ AQUINO, Felipe R. Q. **Para entender a Inquisição**. 3 ed. Lorena: Cleófas, 2010. p. 153.

⁵⁶ FRÖHLICH, 1987, p. 111.

⁵⁷ “Torquemada foi um dos mais importantes inquisidores que atuaram na Inquisição Espanhola no século XV. Também conhecido como "O Grande Inquisidor", Torquemada atuou nos reinos de Aragão e Castela. Foi responsável pela perseguição, prisão, tortura e condenação de milhares de judeus e muçulmanos convertidos residentes na Espanha”. SUA PESQUISA.COM. **Torquemada**. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/quemfoi/torquemada.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

⁵⁸ AQUINO, 2010, p. 153.

A Inquisição no século XV não partiu só da Igreja, mas foi utilizada pelos reis espanhóis, pois o tribunal eclesiástico era comandado pelo rei com fins políticos. O órgão que coordenava a inquisição não estava em Roma, mas na Espanha e era conhecido como Conselho da Suprema e Geral Inquisição.⁵⁹

No fim do século XV a Península Ibérica formada por Portugal e pelos reinos espanhóis de Castela e Aragão passou por uma situação política difícil. Grande parte do país foi libertada dos muçulmanos (mouras) que já estavam desde o século VIII. A região de Granada, no sul, estava dominada por muçulmanos. A obra da reconquista não acontecia, pois, a península estava dividida em vários reinados que não se entendiam.⁶⁰

Os reis, diante dos motivos nacionais e religiosos, procuraram expulsar os judeus e muçulmanos de suas terras. Por isso aproveitaram a Inquisição. Os reis tiveram duas opções: culpar, castigar e expulsar a todos os judeus e conversos pelas nefastas ações de alguns, ou persistir no caminho sereno, fazendo apelos a razão e a sua boa vontade. Mesmo diante do risco de grandes perdas, persuadidos pelo papa e pelos padres, decidiram pela segunda opção.⁶¹

A inquisição, conforme os costumes à época, recorria ao suplício, mas era aplicado o *slogan* “a Igreja tem horror a sangue”. E os instrumentos utilizados eram: cordas apertadas aos poucos em volta dos braços e das coxas; o suplício da água em que o pano era colocado no rosto impedindo a respiração. A preocupação para a tortura era longa, de modo lento e aflitivo.⁶²

A Inquisição Espanhola ainda manteve métodos mais suaves de tortura. Nunca utilizaram fogueiras e os tribunais procuravam modos para que o réu se convertesse para ser libertado das penas de lei. Aos acusados, geralmente havia alguma esperança e eram movidos por conselhos, exortações e instruções em que muitos se convertiam, sendo absolvidos e reintegrados.⁶³

⁵⁹ AQUINO, 2010, p. 154-155.

⁶⁰ AQUINO, 2010, p. 155.

⁶¹ ITURRALDE, Cristian. **A inquisição**: um tribunal de misericórdia. Campinas: Ecclesiae, 2017. p. 168.

⁶² TESTAS, Guy; TESTAS Jean. **A inquisição**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. p. 76.

⁶³ BERNARD, José. **A inquisição**: História de uma Instituição convertida. Caderno 33, Petrópolis: Vozes, 1959. p. 42.

Muitos judeus, para preservar suas posições financeiras e políticas pediam o batismo cristão. Por interesse, mantinham escondida a fé judaica e faziam proselitismo.⁶⁴

No século VIII, os muçulmanos haviam ocupado toda a Península Ibérica e o povo espanhol foi resistente para se converter ao Islamismo. Ele lutou até que, em 1492, quando os reis Fernando e Isabel venceram os muçulmanos em Granada e o povo, em procissão, ocupou a Alhambra e trocou o “crescente” símbolo dos muçulmanos pelo estandarte da cruz.⁶⁵

Os chamados mouros⁶⁶ respeitavam o povo cristão e os reis toleravam a sua fé. Mas a opressão e os ataques à religião incomodavam o povo católico que possuíam um ressentimento contra os opressores. O povo sofria, pois presenciava em seu meio, adeptos de outras religiões, judeus e muçulmanos que difundiam suas crenças e ficavam ricos às custas dos cristãos.⁶⁷

A luta de séculos defronte com os muçulmanos legou profundas marcas na Espanha, tornando o povo pronto para o sacrifício. Foi através desse espírito, da qual a expressão mais elevada foi a Cavalaria espanhola, que trouxe os conquistadores ao Novo Mundo, e os conduziu a África e a Ásia.⁶⁸

O escritor José Bernard nos diz sobre os efeitos da Inquisição Espanhola:

Teve efeitos muito benéficos. Ela conseguiu manter a unidade da Fé e afastar da Espanha o temido sincretismo judeu-islâmico-cristão. Ela preservou a Espanha da alucinação e dos horrores causados pelo medo das bruxas. Grande mérito teve também pela proibição de livros, prejudiciais à fé e costumes, como também pelo combate aos falsos místicos ou alumbrados, criando assim o ambiente próspero para a sadia literatura ascética e mística dos séculos XVI e

⁶⁴ AQUINO, 2010, p. 160.

⁶⁵ AQUINO, 2010, p. 164.

⁶⁶ “No século VIII d.C., a Espanha foi invadida por povos vindos do continente africano. Os invasores eram árabes (originários da Arábia) e berberes (nativos do norte da África). Eles eram adeptos da religião chamada islamismo e ficaram conhecidos como mouros. O nome ‘mouro’ (assim como a palavra ‘moreno’) vem da região da Mauritânia, na África, de onde vinham muitos dos berberes.” BRITANICA, Escola. **Mouro**. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/mouro/481957>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁶⁷ AQUINO, 2010, p. 166.

⁶⁸ AQUINO, 2010, p. 166.

XVII que constitui a inveja do mundo contemporâneo.⁶⁹

A partir do século XVI, a Inquisição Espanhola parou de se preocupar com os judeus ‘convertidos’ (marranos) e os mulçumanos ‘convertidos’ (mouriscos) hereges. Ela começou a se ocupar dos falsos místicos que iludiam o povo e os afastava da Igreja, bem como dos protestantes.⁷⁰

Neste século afluíram os místicos, iluminados, na Espanha. Ao lado de grandes e autênticos místicos como: Teresa de Ávila (1515-1582), João da Cruz (1542-1591), Pedro de Alcântara (1499-1562) e muitos outros. Existiam também alguns místicos hereges que se declaravam iluminados por uma luz interior que os dispensava de qualquer dever de obediência, rejeitavam as obras exteriores, perdiam-se extáticos na contemplação divina (os quietistas) em perfeita inatividade da vontade e inteligência.⁷¹

1.4 VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

A crise na cristandade medieval, o início da Idade Moderna, a Reforma Protestante e a Inquisição Espanhola, repercutiram também na vida consagrada religiosa. Gerou diversas reformas em Ordens tradicionais. Vários mosteiros perderam o vigor e disciplina em exercício da “encomenda”.⁷² A peste negra também desestruturou a Europa. Morreram milhares de pessoas, fazendo com que muitos mosteiros fechassem.⁷³

Surgiram novas fundações religiosas mais abertas aos desafios da Modernidade, assumindo trabalhos missionários em continentes diferentes, a educação, o cuidado aos doentes, etc.⁷⁴ “Na vida religiosa consagrada feminina iniciou-se um processo de ruptura com a clausura para que as religiosas se dedicassem ao apostolado e ao serviço dos pobres e

⁶⁹ BERNARD, 1959, p. 47.

⁷⁰ AQUINO, 2010, p. 182.

⁷¹ AQUINO, 2010, p. 182.

⁷² “É um sistema que dava a um bispo, padre ou leigo (a) dispensados das obrigações e compromissos monásticos, a direção de mosteiros e abadias” MUZALA, Ronaldo. A vida religiosa: seu lugar no presente e no futuro. Sinais convergentes. Um olhar histórico de ontem e de hoje. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 459, p. 132-156, 2013. p. 142

⁷³ MUZALA, 2013, p. 142

⁷⁴ MUZALA, 2013, p. 142-143.

enfermos”.⁷⁵

No Concílio de Trento foi elaborado um decreto de reforma “*De regularibus et monialibus*” para os mosteiros, reafirmando de maneira severa a clausura em mosteiros femininos e a idade mínima para ingressar.⁷⁶

Essas providências disciplinares contribuíram beneficentemente impulsionando a reforma de antigas ordens religiosas, assim, como o florescimento e firmeza de novas ordens religiosas que iriam surgir. A vida religiosa consagrada de carisma contemplativo perdeu força e terreno para a vida religiosa com carisma ativo.⁷⁷ Vejamos, agora, como isso se dá principalmente na vida de Teresa de Ávila.

⁷⁵ MUZALA, 2013, p. 143.

⁷⁶ ARTUSO, Vicente. **Síntese histórico:** Teológica da Vida Religiosa. 125 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC), Florianópolis, 1979, p. 42.

⁷⁷ ARTUSO, 1979, p. 42.

2 TERESA DE ÁVILA

Mulher, mística e doutora da Igreja, também conhecida por seu nome religioso de Teresa de Jesus. Andarilha de Deus, reformadora na Ordem do Carmo e fundadora de diversos mosteiros, tanto no ramo feminino quanto masculino. Mulher de garra, de força, de insistência e de confiança total em Deus. Especificaremos, nesta parte, a espiritualidade de Santa Teresa a partir de sua biografia, fundações e escritos. Teresa viveu realidades difíceis no convento e reformou a ordem carmelitana, fundando novos mosteiros e escrevendo suas obras. Deixou-nos um itinerário espiritual importante.

Teresa de Cepeda y Ahumada nasceu na cidade espanhola de Ávila, no dia 28 de março de 1515. O batismo de Teresa foi realizado no dia 04 de abril, na igreja de San Juan, em sua cidade natal. No mesmo ano de seu nascimento, foi inaugurado, próximo à cidade, um convento feminino de Carmelitas: o mosteiro da Encarnação.⁷⁸

A cidade de Ávila se situa num dos pontos altos de Castela. Tendo por apelido *Avila de los Caballeros*, que remete à coragem que os cavaleiros enfrentaram diante das batalhas avilenses, sucedidas de fortes vitórias. Nos séculos XIII e XIV, os cavaleiros assinalaram o avanço dos territórios tomada pelos mouros, ainda que no século XV, a cidade perdeu sua pompa no tempo de Carlos V, quando a corte se transferiu para Toledo.⁷⁹

O pai dela chamava-se Alonso Sánchez de Cepeda, nascido em Toledo. Era um homem com gosto pela leitura e considerado piedoso, caridoso, compassivo e honesto. Com o falecimento de sua esposa, casou-se uma segunda vez com uma jovem da nobreza avilense, Beatriz de Ahumada, que viria a ser a mãe de Teresa. Com os dois filhos do primeiro matrimônio, juntaram-se, no correr dos anos, outros dez filhos. Ela conta que sua mãe possuía muitas virtudes.

Teresa narra sua infância nessa família numerosa e de crianças agitadas. Com Rodrigo, seu irmão preferido, lê a vida de santos e, com ele, entusiasma-se diante da ideia de tornar-se mártir, indo “para a terra dos mouros, pedindo pelo amor de Deus que nos decapitassem”.⁸⁰ Trata-se de

⁷⁸ SESÉ, Bernard. **Teresa de Ávila: Mística e andarilha de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 13.

⁷⁹ SESÉ, 2008, p. 12.

⁸⁰ TERESA DE JESUS. **Livro da Vida**. Trad. Maria José de Jesus. São Paulo: Paulus, 2011. p.12.

ganhar o céu “para sempre, sempre, sempre”,⁸¹ como ela afirma. Esse desejo de ganhar o céu era absoluto no pensamento dela.

Em 1528 morreu sua mãe, deixando-a com uma profunda tristeza. Suplicou a Virgem Maria, quando entendeu o que tinha perdido, que morresse ao invés de sua mãe.⁸²

A sua adolescência é marcada pelos namoricos, galanterias, seduções. Ela relata que começou a se vestir com exuberante elegância, a querer agradar e parecer bonita. Cuidava excessivamente das mãos, dos cabelos, usava perfumes, era vaidosa e exigente nos seus gostos.⁸³

Alguns primos-irmãos frequentavam a casa de Teresa e eles andavam sempre juntos. As conversas eram sobre todas as coisas que davam prazer, e ela ouvia as aventuras, afeições e leviandades de seus primos, nada edificantes. “Pior ainda, minha alma começava a se acostumar àquilo que era causa de todo o seu mal”,⁸⁴ relata ela. Afirma que o perigo de se perder é grande, pois, as nossas inclinações naturais pendem mais fortemente para o mal do que para o bem.⁸⁵

Teresa relata que se tivesse aproveitado os momentos com boas companhias, ou seja, com pessoas virtuosas, não teria se desviado da virtude. Se, desde o início, alguém tivesse lhe ensinado a temer a Deus, sua alma teria adquirido forças para não cair nas vaidades e leviandades.⁸⁶

Para proteger Teresa das más amizades, leviandades e tentações do mundo, seu pai a coloca no convento das agostinianas de Nossa Senhora das Graças. Ela se adaptou rápido, sendo bem aceita pelas religiosas. Contudo, não passava na cabeça dela ser monja. E durante três anos viveu uma crise e tomou a decisão de pedir a admissão para entrar no convento das carmelitas da Encarnação.⁸⁷

⁸¹ TERESA DE JESUS, 2011, p. 12.

⁸² GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. **O amor é uma seta enviada pela vontade:** As meditações de Teresa de Ávila sobre o amor de Deus no Cântico dos Cânticos. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 103.

⁸³ TERESA DE JESUS, 2011, p. 15.

⁸⁴ TERESA DE JESUS, 2011, p. 16.

⁸⁵ TERESA DE JESUS, 2011, p. 16.

⁸⁶ TERESA DE JESUS, 2011, p. 17.

⁸⁷ SESÉ, 2008, p. 19, 25.

2.1 TERESA NO MOSTEIRO CARMELITA DA ENCARNAÇÃO

Teresa ingressou no convento chamado “Encarnação” aos vinte e um anos de idade.⁸⁸ No ano de 1536 ela toma o hábito carmelitano e em 1537 professou os votos. Após os votos, porém, compromisso definitivo e determinado que lhe proporcionasse alegrias, foi abalado pela doença. Após os votos ela ficou enferma gravemente e foi levada para a casa de seu pai, na qual permaneceu por três anos, até se restabelecer e ficar curada.⁸⁹ Ela atribuiu sua cura final a proteção de São José. Depois de sua cura, retornou ao convento e relata uma vida muito fácil:

visitas ao locutório, gostos mundanos, passeios na cidade, conversar onde o profano e o sagrado acabam por se confundir... Tudo isso atenua o rigor e a piedade das religiosas não enclausuradas.⁹⁰

As irmãs, no convento, serviam ao Senhor em castidade e obediência, mas, de vez em quando, podiam passar um dia fora ou tirar longas férias, podendo usufruir o que lhes agradava, com parentes ou amigos fora do convento. Elas tanto podiam estar fora do convento se preocupando com coisas do mundo, como podiam receber visitas que traziam as mesmas preocupações. A vida religiosa não era levada tão a sério no contexto de Teresa.⁹¹

No locutório havia uma grade de ferro que separava as freiras dos visitantes, mas separava apenas os corpos. Ela podia ser transposta pelo olhar e escuta. Através da grade,

o silêncio do convento e a mundanidade barulhenta, a renúncia e a cobiça podiam travar cordial conversação. E no espelho agitado da tagarelice o mundo se refletia com todas as suas vaidades e tentações.⁹²

⁸⁸ SESÉ, 2008, p. 25.

⁸⁹ SESÉ, 2008, p. 27-29.

⁹⁰ SESÉ, 2008, p. 30.

⁹¹ MILLER, René Fülöp. **Os santos que abalaram o mundo**. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: José Olympio, 1948. p. 373.

⁹² MILLER, René Fülöp, 1948, p. 374.

Mas Teresa em sua cela permaneceu quieta e segura confiando em Deus. Porém, quando tinha que descer ao parlatório sentia-se confrontada com o mundo da qual queria fugir. Houve momentos em que ela duvidou de ter feito uma boa escolha ao optar pelo convento da Encarnação. Essa dúvida é o primeiro vestígio do que a reformadora da ordem das carmelitas estava destinada a fazer.⁹³

Por mais de dezoito anos, Teresa experimentou uma vida espiritual conturbada. Secura, aridez, impulsos de entusiasmo seguidos de desânimo, medo e impaciência impediram que sua prática de oração tivesse um bom êxito. Mesmo assim, sentia-se interpelada a ter coragem e a buscar se abrir ao mistério de Deus.⁹⁴

Nessa luta, que parecia uma sombra da morte, a carmelita não está sozinha. Alguns confesores não a compreendiam e muitas vezes nem as palavras ou sermões ajudavam ela, restando apenas um único recurso essencial: a confiança total em Deus.⁹⁵ A carmelita, em sua genialidade, superava todas as dificuldades, mesmo em um contexto espanhol no qual a mulher era considerada incapaz de grandeza, ela fez a vontade de Deus e pôs as mãos à obra.⁹⁶

A carmelita prosseguiu sozinha num combate contra as forças do mal que surgiam contra ela dentro do convento da Encarnação no ano de 1554, e um fato extraordinário aconteceu na vida dela:

Minha alma andava já cansada e embora quisesse, os maus costumes não a deixavam sossegar. Aconteceu-me, estando um dia num oratório, ver certa imagem trazida e guardada ali para uma festa que se ia celebrar no mosteiro. Representava Cristo muito chagado. Inspirava tanta devoção que, só de vê-lo em tal estado, fiquei muito perturbada. Mostrava ao vivo o que passara por nós. Foi tal o sentimento de ser tão mal agradecida para com aquelas chagas, que se me partia o coração. Lancei-me a seus pés, derramando muitas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse para nunca mais o ofender.⁹⁷

⁹³ MILLER, 1948, p. 374.

⁹⁴ TERESA DE JESUS, 2011, p. 28.

⁹⁵ SESÉ, 2008, p. 34.

⁹⁶ MILLER, 1948, p. 407.

⁹⁷ TERESA DE JESUS, 2011, p. 64.

Podemos identificar nessa experiência um momento importante no processo de conversão da carmelita. Diante dessa experiência com o Senhor, crescia fortemente seu desejo da carmelita em reformar o Carmelo. Foi encorajada por cartas de recomendação de Pedro de Alcântara (frei franciscano), Francisco de Borja (padre jesuíta) e Luís de Betran (padre dominicano) que estavam por dentro de toda a situação e inclinados ao desejo dela. Tais cartas foram entregues a senhora Guiomir (benfeitora) para que ela levasse ao provincial das Carmelitas solicitando uma dispensa eclesiástica para fundar o mosteiro São José.⁹⁸

Após o provincial perceber que a carmelita já tinha condições de fundar um mosteiro reformado, ele aprovou e consentiu que ela encontrasse uma casa, e assim ela o fez. Entretanto, quando as companheiras do convento, mais tarde os avilenses, descobriram o que Teresa fizera, ela sofre com murmurações e insultos de todos os tipos. Chegaram a chamar de “mulher inquieta e andariilha”. Ela ficou desapontada, mas não perdeu a coragem e fidelidade.⁹⁹

2.2 A VIDA NO MOSTEIRO SÃO JOSÉ

Depois de muitas percalços, aconteceu a fundação do seu primeiro Mosteiro, dedicado a São José em Ávila. A reformadora dá o hábito de Descalças a quatro noviças e suas religiosas vão seguir a Regra de Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, escrita por Santo Alberto, patriarca de Jerusalém, aprovado definitivamente pelo papa Inocêncio IV, em 1247.¹⁰⁰

Teresa passara vinte e seis anos no convento da Encarnação na qual era observada a Regra dita “Mitigada”¹⁰¹, suavizada e atenuada pelo papa Eugênio IV, em 1432. Os dois tipos de observâncias que perduram até os nossos dias são: os carmelitas (seguem a antiga observância) e os carmelitas descalços (seguem renovação do carisma da Ordem do Carmo proposto pela reforma teresiana).¹⁰²

O mobiliário simples, a vida fervorosa de oração, a intimidade com

⁹⁸ MILLER, 1948, p. 409.

⁹⁹ SCIADINI, Patrício. **O Carmelo: História e Espiritualidade**. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 1997, p. 54.

¹⁰⁰ ROZIN, Claudemir. **In obsequio Iesu Christi: A fraternidade carmelitana na Igreja de comunhão**. Roma: Edizioni Carmelitane, 2013. p. 115; SESÉ, 2008, p. 50.

¹⁰¹ RELA, Nara. **O Platonismo Na Mística Da Obra "Subida Do Monte Carmelo" De São João Da Cruz**. São João Del Rey/; do autor, 2009. p. 22.

¹⁰² SESÉ, 2008, p. 53.

Deus e com no máximo de doze irmãs são características do novo modo de vida monástica do Mosteiro São José. Sendo bem diferente das formas grandiosas dos antigos Mosteiros.¹⁰³

Neste período, Teresa terminou de redigir a obra *Caminho de perfeição* e começou a escrever as *Constituições*.¹⁰⁴ Foi um tempo em que o Senhor deu a ela grandes favores e se multiplicaram suas visões, revelações, arrebatos, premonições, graças extraordinárias, todos narrados em forte deleite por ela. Ela sentiu a revelação de modo forte e teve experiências sobre a humanidade de Cristo e da Trindade divina,¹⁰⁵ “mística tão variada, tão impetuosa, tão irresistível que Teresa parece ser levada, quase sem querer, pela correnteza dessas graças espirituais”.¹⁰⁶ Uma ideia chave poderia resumir todas essas experiências: “Compenetrei-me do que é andar uma alma na verdade em presença da própria Verdade. Por meio desta compreensão, o Senhor me deu a entender que ele é a própria Verdade”.¹⁰⁷

Teresa, mesmo diante das dificuldades, não desanimou e batalhou fundando durante a sua vida 17 mosteiros de irmãs e 15 de frades. Houve grandes dificuldades e 10 anos de tremendas lutas entre os Carmelitas Descalços e os Carmelitas da antiga observância, devido a incompreensões cuja raiz era colocada em dúvida pela legitimidade da nova Reforma.¹⁰⁸

2.3 FUNDAÇÃO DE OUTROS MOSTEIROS

A reformadora fundou o primeiro mosteiro sob patrocínio de São José, mas ela era determinada e não queria que ficasse somente neste. Em agosto de 1567 fundou, na cidade de Medina del Campo, o segundo mosteiro. Esta cidade tinha aproximadamente uns trinta mil habitantes.¹⁰⁹

Os obstáculos eram enormes, pois os padres agostinianos estavam prontos para entrar com um processo contra ela. Quando encontrou uma casa para sediar o mosteiro, embora em estado de ruína, ela foi abençoada

¹⁰³ SCIADINI, 1997, p. 54.

¹⁰⁴ “Teresa escreveu a obra *Caminho de perfeição* e as *Constituições* no ano em que fundou o mosteiro São José em 1563. Teresa recebeu a sanção papal sobre as *Constituições* para o bom andamento e disciplina do convento.” (SESÉ, 2008, p. 53).

¹⁰⁵ SESÉ, 2008, p. 53.

¹⁰⁶ SESÉ, 2008, p. 53.

¹⁰⁷ TERESA DE JESUS, 2011, p. 348.

¹⁰⁸ SCIADINI, 1997, p. 57.

¹⁰⁹ SESÉ, 2008, p. 58.

com uma missa. Diante dessas provações, apoderaram-se dela a angústia, os medos, as dúvidas, os temores, as aflições, mas, no final as esmolas começam a chegar.¹¹⁰

Para a fundação de mosteiros masculinos, apareceu, em Medina, um frade que estudava em Salamanca. Chamava-se frei João da Cruz. Ele contou à reformadora que queria ir para a Cartuxa. Mas ela informou a ele que poderia buscar mais perfeição na própria Ordem, pois, serviria melhor o Senhor. Frei João deu a sua palavra dizendo para ela não demorar muito na execução da fundação.¹¹¹

Em abril de 1568, em um pequeno povoado conhecido por Malagón, Teresa fundou outro mosteiro carmelita sob a ajuda de dona Luisa de la Cerda, irmã do duque de Medinacelli. Teresa tinha receio de fundar o mosteiro, pois o povoado era pequeno e o risco de não ter renda para mantê-lo era grande. Ela preferia sempre que os mosteiros fossem pobres e que as freiras não tivessem nenhuma posse, conforme as *Constituições*, e não incomodassem ninguém, pois, bastaria o necessário.¹¹²

Com o espírito apressado fundou, no mesmo ano, outro mosteiro na cidade de Valladolid, em uma casa doada por um jovem que, após uma doença grave, veio a falecer. O Senhor se revelou a Teresa sobre o jovem que estava no purgatório e que era preciso uma santa missa no local do mosteiro para ele sair do purgatório.¹¹³

A casa em Valladolid era um tanto quanto insalubre devido à proximidade do rio, mas tinha uma bela horta. Embora as condições fossem precárias, foi fundado mais este mosteiro sob o patrocínio da Conceição Nossa Senhora do Carmo. Teresa reclamou ao Senhor que estava cansada e diante da situação aumentava o sofrimento, mas nada dizia as irmãs para elas não desanimarem. Nesse mesmo tempo, Teresa encaminhou Julián de Ávila e dois frades que queriam se tornar freis carmelitas descalços para a obtenção de licença do Ordinário para fundar o mosteiro de ramo masculino.¹¹⁴

Ainda no mesmo ano de 1568, a meio caminho entre Salamanca e Ávila, um lugar pequeno e perdido na planície castelhana, conhecido como

¹¹⁰ SESÉ, 2008, p. 60.

¹¹¹ TERESA DE JESUS. *As Fundações*. São Paulo: Loyola, 2012. p. 37-38.

¹¹² TERESA DE JESUS, 2012, p. 84-85.

¹¹³ TERESA DE JESUS, 2012, p. 88-89.

¹¹⁴ TERESA DE JESUS, 2012, p. 88-89.

Duruelo, recebe a fundação de um mosteiro de carmelitas descalços masculino.¹¹⁵ A pobre casa foi doada a Teresa e o

antigo prior dos carmelitas mitigados de Medina del Campo, frei Antonio de Heredia, e seu companheiro professam segundo a Regra primitiva do Monte Carmelo. E de agora em diante vão se chamar respectivamente: Antônio de Jesus e João da Cruz.¹¹⁶

A andarilha de Deus retornou após alguns meses ao Carmelo de Duruelo e percebeu a alegria dos freis, mesmo diante da casinha inabitável. Diante da precariedade da casa, Teresa decide e transfere o Convento de Duruelo para a cidade de Mancera de Abajo.¹¹⁷

A reformadora se coloca a caminho de Toledo e, no ano de 1569, enfrenta diversas dificuldades, pois o arcebispo Bartolomé Carranza não autorizou a fundação de um novo mosteiro, pois, o epíscopo Bartolomé estava preso pela inquisição espanhola. A carmelita com sua habilidade convenceu o substituto dom Tello Gómez Girón que autorizou a fundação.

Depois desse contratempo, ela é autorizada e, junto com duas irmãs, toma posse e funda o novo mosteiro. Contudo, os vizinhos, a proprietária, os conselheiros e o clero eram contra a fundação. Teresa se manteve em paz e, pouco tempo depois, algumas pessoas pediam socorro no novo mosteiro. As irmãs eram despojadas e mantinham uma vida bastante austera. Certa vez, Teresa vê suas irmãs acobardadas e lhes pergunta o motivo. Elas disseram: “Que havemos de fazer, Madre? Parece que já não somos pobres!”¹¹⁸ Teresa com palavras que revelam um aspecto essencial de sua espiritualidade diz:

A partir daquele momento, cresceu muito em mim o desejo de sê-lo bastante, ficando fortalecida a determinação de fazer pouco caso dos bens temporais, cuja falta faz aumentar o bem interior, que com certeza traz consigo outra fartura e quietude.¹¹⁹

¹¹⁵ SESÉ, 2008, p. 62.

¹¹⁶ SESÉ, 2008, p. 62.

¹¹⁷ SESÉ, 2008, p. 62.

¹¹⁸ TERESA DE JESUS, 2012, p. 127.

¹¹⁹ TERESA DE JESUS, 2012, p. 127.

Depois da fundação de Toledo, ainda no mesmo ano de 1569, a reformadora, recebeu um mensageiro de Pastrana com o pedido da princesa de Éboli, Ana de Mendoza, que desejava fundar um convento de carmelitas em seu ducado. Teresa se encontrou com a princesa e o príncipe Ruy Gómez da Silva e aceitou o pedido. Foram fundados dois conventos, um feminino e outro masculino, mas ventos contrários sopraram contra as fundações.¹²⁰

Após a morte do príncipe, a princesa quis impor práticas incompatíveis com as *Constituições*, rodeando as carmelitas de amabilidades. A princesa se fez de carmelita, mas era contra a priora, irritou-se com todas as irmãs, deixou o hábito e voltou para casa. Diante de todo o tumulto pela loucura da princesa, as irmãs de Pastrana “fogem” para a comunidade em Sevilha. Teresa acalmou as irmãs e elogiou a atitude delas e decidiu não voltar mais naquele local. Sendo as irmãs e os frades transferidos para Segóvia.¹²¹

No ano de 1570, Teresa foi estimulada pelo superior dos jesuítas de Salamanca e aceitou fundar um novo mosteiro. Salamanca é uma cidade universitária e com mestres renomados. Teresa chegara à cidade cansada e doente, mas, antes de fundar o mosteiro, ela passou por provas, porém, superou-as mais uma vez.¹²²

Em 1571, funda um novo mosteiro numa cidade famosa da Idade Média que se chamava Alba de Tormes. Foi em atenção ao pedido do Duque de Alba e sua esposa e fundou o mosteiro feminino das carmelitas com a presença de João da Cruz.¹²³

No ano de 1574 é fundado mais um mosteiro em Segóvia. Obtida as autorizações, a reformadora ganhou uma casa de Ana de Jimena, uma viúva que se tornou religiosa. Teresa estava desprovida de recursos financeiros e o sofrimento lhe rodeava com dores, febre, fastio, etc.¹²⁴ Neste mesmo ano ela começa a redigir o livro *As Fundações*.

Ela continuou com as fundações de novos mosteiros em Sevilha (1575); em Caravaca (1576); em Villanueva de la Jara (1580); em Palência e Sória(1580); e em Burgos (1582). Por fim, retornou ao mosteiro de Alba

¹²⁰ SESÉ, 2008, p. 66-67.

¹²¹ SESÉ, 2008, p. 66-68.

¹²² SESÉ, 2008, p. 69.

¹²³ TERESA DE JESUS, 2012, p. 158-159.

¹²⁴ SESÉ, 2008, p. 86.

de Tormes adoentada. E no dia 03 de outubro pede as irmãs para que vivam a observância da Regra, falecendo em 04 de outubro de 1582.¹²⁵

O objetivo da reformadora diante das fundações dos mosteiros era instaurar sua doutrina e espiritualidade vivida por ela através das manifestações e êxtases e ensinar as irmãs, os frades e também a nós a dirigir a nossa alma a Deus que é o centro de nosso castelo. Ela se baseia na espiritualidade carmelitana e nos princípios apresentados na Regra como o silêncio, a oração, a Eucaristia, etc.

2.4 TERESA E SUA DOUTRINA (OBRAS)

Teresa foi uma mística e fundadora solidamente realista. O seu equilíbrio foi fruto de uma conquista e o termo de um combate, no qual os elementos de lesão ou dor neuropáticos¹²⁶ de sua juventude tiveram um importante papel, as experiências místicas com Deus influenciaram na reconquista de sua personalidade.¹²⁷

Introduzindo um novo gênero de espiritualidade em que descreve sua própria história espiritual, se preocupou bem pouco em descobrir a realidade metafísica do seu ser, examinado os dados que passam exclusivamente pelo espírito, através de suas reações práticas imbuídas de psicologia. Os exercícios espirituais reforçaram seu lado sensorial, tendo por manifestação formas de palavras e visões, as graças recebidas na oração. Escritos autobiográficos pela doutora da Igreja.¹²⁸

Teresa não gostava de meias medidas e o que ela fazia era feito por inteiro, sobretudo quando se tratava de amor. Não ficava presa a pequenos detalhes. Ela tinha seu próprio ideal de perfeição moral. Para Teresa a palavra “tudo” tem uma força e deve ser semeada de mão cheia. O ardor era nítido em suas palavras e exemplos e para ela não havia limites. O desejo

¹²⁵ SESÉ, 2008, p. 122-124.

¹²⁶ “A dor neuropática é um tipo de sensação dolorosa que ocorre em uma ou mais partes do corpo e é associada a doenças que afetam o Sistema Nervoso Central, ou seja, os nervos periféricos, a medula espinhal ou o cérebro. Essa dor pode ser consequência, também, de algumas doenças degenerativas que levam à compressão ou a lesões das raízes dos nervos ao nível da coluna.” (PFIZER. **Sua saúde**. Disponível em: < <https://www.pfizer.com.br/sua-saude/dor-neuropatica> > . Acesso em 25 maio 2019).

¹²⁷ MONDONI, Danilo. **História e teologia da espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 71.

¹²⁸ MONDONI, 2014, p. 71.

que ela tinha no coração era doar-se totalmente e não tinha reservas nesse doar-se.¹²⁹

Suas primeiras obras propõem a doação total de si mesma como condição necessária à realização de outro desejo: entrar na intimidade de seu bem-amado Senhor. Nesta doação consiste a verdadeira perfeição da alma para este fim, as consolações celestes da oração são ordenadas. Sob o ardor da caridade divina, ela compreende que o amor funda-se mais em dar que em receber.¹³⁰

2.4.1 O livro da vida

O *Livro da Vida* foi o primeiro livro que a carmelita escreveu. Em seu contexto, sendo uma mulher, não poderia escrever um tratado teológico. No entanto, houve um incentivo por parte de seus confessores para que ela compartilhasse sua experiência espiritual. Sempre que ela abordou questões teológicas, buscou esclarecer que se tratavam de experiências pessoais. Assim, se em algo errasse, sua experiência deveria ser humildemente submetida ao ensinamento da Mãe Igreja.¹³¹

Percebe-se que Teresa escreveu suas obras tendo um coração generoso e desejava que esta felicidade não ficasse só para ela, mas fosse partilhada para todas as pessoas. Parece que ela não imaginava a vida de amor perfeito sem a intimidade com Deus e com o próximo através da caridade fraterna. Pois, sabia que quando chega a intimidade divina é necessário entregar-se totalmente e não pela metade.¹³²

Teresa relatou no *Livro da Vida* que houve vários momentos de infidelidade, “quando a afeição da criatura a encadeava; finalmente, vencida pela graça, põe-se à obra com o seu coração”.¹³³ Relata que Jesus foi ao encontro e ajudou-a, após anos de intensos esforços favoreceu a ela um arrebatamento que a transportou do nada ao tudo.¹³⁴

Diante da experiência do arrebatamento, o Senhor vem em nosso auxílio, mesmo quando se é forte, e nos dá a força para viver,

¹²⁹ MADALENA, Gabriel de S. Maria. **Santa Teresa de Jesus**: mestra da vida espiritual. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2007. P. 17.

¹³⁰ MADALENA, 2007, p. 18.

¹³¹ SOUVIGNIER, Brita. Teresa of Avila: a woman between heaven and Earth. **Carmelus**, Roma, v. 58, f. 1, p. 143-161, 2011, p. 144.

¹³² MADALENA, 2007, p. 18-19.

¹³³ MADALENA, 2007, p. 19.

¹³⁴ MADALENA, 2007, p. 19.

Olha para os de baixo como quem está a salvo. Já não tem os perigos. Pelo contrário, deseja-os como se já tivesse a garantia da vitória. Vê claramente quão pouco se deve estimar tudo que há na terra, pois não tem valor. Quem está no alto, enxerga muitas coisas. Não busca liberdades no querer, nem mesmo gostaria de ter livre arbítrio, e assim o suplica ao Senhor. Entrega-lhe as chaves de sua vontade... Não deseja coisa alguma, senão a vontade do Senhor. Não quer dispor de si, nem de coisa alguma, [...]¹³⁵

Perante tais experiências vividas pela carmelita, e que ela da grande destaque na terceira parte do capítulo seis do Livro da Vida, é a experiência e a devoção a São José, em que ela é o proclama universal. Consagrando todos os carmelos aos cuidados do Santo. Assim, em dois dos seus capítulos dedica:¹³⁶

Tomei por advogado e senhor ao glorioso são José, e muito me encomendei a ele. Claramente vi que desta necessidade, como de outras maiores referentes à honra e à perda da alma, esse pai e senhor meu salvou-me com maior lucro do que eu lhe tenha deixado de obter. Coisa admirável são os grandes favores que Deus me tem feito por intermédio desse bem-aventurado Santo, e os perigos de que me tem livrado, tanto do corpo como da alma.¹³⁷

A parte do livro mais importante são os capítulos que dedica “a historiar as lutas e dos duros combates que teve que sustentar para não sucumbir na conquista da perfeição, isto é, os altos e baixos da vida sobrenatural na sua alma, até ao triunfo completo de Deus”¹³⁸.

Teresa escreveu o *Livro da Vida* com um modo simbólico os diversos graus de oração, despertando no leitor a curiosidade de entender mais sobre o tema. Ela faz a relação do jardineiro e do jardim, em que o

¹³⁵ TERESA DE JESUS. **Livro da Vida**. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 160.

¹³⁶ JOSÉ, Padre Jaime de São. **Vida e doutrina de Teresa de Jesus**. 2. ed. Porto: Portugal, 1947. p. 176.

¹³⁷ TERESA DE JESUS, 2011, p. 41.

¹³⁸ JOSÉ, 1947, p. 176.

jardineiro é Deus e o jardim é a nossa alma, e expõe que há quatro maneiras de se regar o jardim de nossa alma.¹³⁹

Por primeiro é apanhar a água a baldes num poço, com grande trabalho. O segundo é tira-la mediante nora a alcatruzes movidos por um torno, o que cansa menos e dá mais água. O terceiro é trazê-la de algum rio ou arroio, e por este meio se rega muito melhor, o jardineiro tem menos trabalho, a terra fica bem molhada e não é necessário regar tantas vezes. O quarto é por chuvas frequentes e copiosas, modo incomparavelmente melhor que tudo que ficou dito. É então o Senhor quem rega, sem nenhum trabalho nosso.¹⁴⁰

Desse modo, a meta será aplicar à oração a esses quatro modos de regar. O jardim, assim, manter-se-á sempre irrigado e conservado. Sem esse cuidado, as plantas tendem a morrer.¹⁴¹ O cultivo desse jardim espiritual terá consequências na vida concreta da pessoa. Por isso, Teresa se preocupará em falar de um caminho de perfeição que se coloca como possibilidade para o ser humano.

2.4.2 O caminho de perfeição

Teresa procurou passar às suas seguidoras orientações para chegar à perfeição. Ela redigiu a obra *Caminho de perfeição*, em 1567, baseando-se em boa parte na oração do Pai Nosso que é um itinerário espiritual completo. Uma de suas orientações está relacionada com o ideal carmelita, ou seja, ter sempre uma boa consciência, livrar-se com todas as forças dos pecados veniais e buscar a perfeição. Tal caminho de perfeição conduz a um direcionamento para alimentar-se das coisas de Deus, ter um espírito de generosidade para com os outros e se sacrificar pela obra de Deus e pelo próximo.¹⁴²

Nessa direção, podemos identificar três dimensões amplamente desenvolvidas por Teresa e que serão tratadas na terceira parte deste trabalho. Elas são o desapego, a humildade e a oração.

¹³⁹ JOSÉ, 1947, p. 176.

¹⁴⁰ TERESA DE JESUS, 2011, p. 82.

¹⁴¹ TERESA DE JESUS, 2011, p. 82.

¹⁴² MADALENA, 2007, p. 20-21.

Trata-se de virtudes concatenadas entre si. Uma não existe sem a outra, uma é o sustentáculo da outra, e todas as quatro dispõem convenientemente a alma para a oração mental, facilitam o recolhimento e a intimidade com Deus.¹⁴³

Teresa transmite a suas irmãs, frades e a nós que trilhar este caminho de perfeição espiritual não é fácil. Contudo, nos convida viver tal heroísmo para ter a intimidade com Deus.¹⁴⁴

2.4.3 O Castelo Interior ou Moradas

Teresa escreveu, por indicação do padre Jerônimo Gracian, no Carmelo de Toledo, em 1577, o livro o *Castelo interior* ou *As moradas*. Esse livro tem um conteúdo fortemente marcado por sua maturidade espiritual.¹⁴⁵ A carmelita aborda que as intuições dos mistérios da vida sobrenatural serão revelados como últimos segredos da vida mística. Contudo, a vivência da meditação, do recolhimento e da oração de quietude conduzem a alma para a entrada da vida em união com Deus, rotulado por ela de matrimônio espiritual.¹⁴⁶

Ela permaneceu com a ideia de que se deve dar totalmente e perder sua vontade na de seu único bem-amado – Deus. Por isso Teresa escreveu sete moradas que fazem parte do castelo, em que se precisa dar passos para chegar até a sétima morada¹⁴⁷.

Não haveis de imaginá-lo uns depois de outros, enfileirados. Não! Ponde os olhos no centro: aí está o salão principal, onde se encontra o Rei. Considerai-os

¹⁴³ BERARDINO, Frei Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**. Paulus: São Paulo, 1999. p. 68-69.

¹⁴⁴ SESÉ, 2008, p. 20-21.

¹⁴⁵ JOSÉ, 1947, p. 177.

¹⁴⁶ MADALENA, 2007, p.25.

¹⁴⁷ “As sete moradas são: decidir entrar no castelo: primeiras Moradas; Encontro com Deus: segundas e terceiras Moradas; Compreender o mistério de amor: quartas Moradas; Certeza de estar na presença de Deus: quintas Moradas; O encontro com o Sagrado transforma: sextas Moradas; Deixar-se tocar pelo amor leva a amar: sétimas Moradas. Instituto Humanitas Unisinos. **Moradas de Santa Teresa de Jesus: um itinerário de Amor**. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/572660-moradas-de-santa-teresa-de-jesus-um-itinerario-de-amor> >. Acesso em: 20 maio 2019.

como num palmito. Para chegar à medula saborosa, há muitas camadas envolvendo-a inteiramente. Assim aqui: em redor e também por cima deste salão há muitos outros salões, iluminados pelo Sol que reside no centro e se comunica a todas as dependências.¹⁴⁸

Como ela nos diz, a vontade do Senhor “é que o amemos e amemos o nosso próximo. Nisso devemos trabalhar, guardando esta perfeição, fazemos a sua vontade. Assim estaremos unidas a ele”.¹⁴⁹

Portanto, quanto mais vivermos a caridade, mais perfeitos seremos, conforme a vontade divina. Por isso Teresa alcançou a opinião comum de teólogos¹⁵⁰: “a perfeição cristã consiste na perfeição da caridade”. Para Teresa a caridade é um ponto essencial na vida monástica, caridade em que deve ser ativa, operosa e radiante e que culmina na plenitude do amor.¹⁵¹

O objetivo desta obra é educar o olhar para depois que entrar no castelo o olhar deve estar fixo em Jesus, e aprender com Jesus a humildade e o amor.

2.4.4 As fundações

Em *As Fundações*, escrito no ano de 1582, a reformadora relata a construção dos mosteiros fundados por ela. E no que toca ao escrito, precisamente,¹⁵²

É o livro mais natural, mais espontâneo e acessível dos escritos maiores de Santa Teresa. Sua ingenuidade literária - que não quer dizer ausência de graça, de sarcasmo abundante, de dor e risos contidos, de sátira social às vezes da mais pura origem - nos deixa a impressão de estarmos diante de uma mulher culta do século XVI, que narra suas andanças como se falasse diretamente às suas filhas em um linguajar coloquial.¹⁵³

¹⁴⁸ TERESA DE JESUS, **Castelo interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 30.

¹⁴⁹ TERESA DE JESUS, 2017, p. 120.

¹⁵⁰ MADALENA, 2007, p. 26.

¹⁵¹ MADALENA, 2007, p. 27.

¹⁵² MADALENA, 2007, p. 23.

¹⁵³ “ Es el libro más natural, más espontáneo y accesible de los escritos mayores de Santa Teresa. Su ingenuidad literaria- que no quiere decir ausencia de gracia, de

Na obra *As Fundações* se pode perceber traços da vida e história de Teresa diante de riscos que soube suportar. “A fonte de nossa generosidade é o amor e não há diferença entre dar a nossa vontade e amar. Ela mostra nesta sua última obra e completa o seu pensamento, sintetizando os diversos aspectos da perfeição moral”¹⁵⁴. Por isso a carmelita buscou viver este duplo amor que consiste amar a Deus e o próximo.

2.5 O LEGADO DE TERESA

Não podemos esquecer que a Reforma que Teresa executou é fruto de seu espírito apostólico. Mas ela relatou que quando fundou o mosteiro São José de Ávila teve uma visão terrível do inferno que gelou as veias. Isso fortificou sua alma e lhe ofereceu horror ao pecado.¹⁵⁵

Ela experimentou uma dor imensa pela perda de tantas almas e em particular dos luteranos que pelo batismo eram filhos da Igreja.¹⁵⁶ Isso proporcionou a ela um ímpeto de salvar almas:

Padeceria mil mortes de muito boa vontade, para livrar ainda uma só alma de tão grandes tormentos. Vendo aqui na terra uma pessoa a quem amamos metida em grandes sofrimentos ou dores, nossa própria natureza nos move a compaixão. Quanto maior o seu padecimento, mais nos afligimos.¹⁵⁷

Teresa inseriu forte austeridade em seus mosteiros: ela queria se sacrificar totalmente com suas filhas pela salvação das almas. Ela uniu o ideal contemplativo com o desejo ardente de salvar as almas que se perderam.

O que Teresa realizou não foi uma simples reforma no sentido de reorganizar a vida religiosa nos carmelos, enfraquecida por defeitos e

socarronería derramada, de dolor y risas contenidos, de sátira social a veces de lá más pura estirpe - nos deja la impresión de hallarnos ante una mujer culta del sigloXVI, que narra suas andanzas como si hablase directamente a sus hijas en un language coloquial”. (BARRIENTOS, Alberto. **Introducción a la Lectura de Santa Teresa**. Editorial de Espiritualid Madrid: Espanha, 1972. p. 241, tradução nossa).

¹⁵⁴ MADALENA, 2007, p. 24.

¹⁵⁵ TERESA DE JESUS, 2011, p. 265.

¹⁵⁶ MADALENA, 2007, p. 28-29.

¹⁵⁷ TERESA DE JESUS, 2011, p. 265.

abusos humanos. A Tradição no Carmelo foi para ela um quadro de referência para definir seu compromisso vocacional e descobrir o dinamismo presente nesta.¹⁵⁸

Lembremos que Teresa vivia num contexto bem diferente do nosso. Ela viveu o período da Renascença e soube identificar as limitações do homem de sua época. Era uma mulher preocupada e teve motivações concretas quando percebeu a dolorosa divisão da Igreja com a Reforma Protestante e permeou as suas preocupações com a vida religiosa.¹⁵⁹

O novo modelo de vida no convento inaugurado pela reformadora representava uma crítica à maneira habitual de se encarar e viver a vida religiosa. Os conflitos surgiram principalmente no ramo masculino da Ordem, no qual ela conseguiu adeptos para a reforma, mas também críticas para que desistisse do trabalho de renovação.

Além destes problemas, surgiram questões de jurisdição e o rei da Espanha dificultava as relações entre carmelitas reformados e não reformados. Isto, porque a reforma que a carmelita realizou implicava numa definição de vida que incomodava a muitos. Ora, nessa época a vida religiosa dava um *status* a quem abraçava e muitos dos seus seguidores eram de famílias nobres e abastadas. O que a nobreza queria era manter a continuidade, inclusive no âmbito religioso. A própria reformadora cita os títulos dos benfeitores de suas fundações, mas ela se aborrece com certas insistências com relação a sua origem fidalga, pois para ela bastava apenas ser filha da Igreja Católica.¹⁶⁰

Por isso Teresa em suas *Constituições* escreve para os Frades Carmelitas Descalços exortando a terem uma vida contínua de oração, permanecendo em sua cela, meditando a lei do Senhor; rezando a liturgia das Horas; renunciando aos bens e colocando-os para uso da comunidade; exercitando a fraternidade com caridade; o jejum da Festa da Exaltação da Santa Cruz até o domingo da Ressurreição, menos aos domingos ou em caso de enfermidade; a abstinência de carne e as armas para o combate espiritual.¹⁶¹

As *Constituições* para as Irmãs Carmelitas Descalças e o carisma teresiano no Carmelo estão relacionados ao sentido da vocação na Igreja

¹⁵⁸ WILDERINK, Vital. Santa Teresa de Ávila: uma renovadora da vida religiosa. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 156, p. 485-500, 1982. p. 486.

¹⁵⁹ WILDERINK, 1982, p. 498.

¹⁶⁰ WILDERINK, 1982, p. 498-499.

¹⁶¹ SCIADINI, Patrício. **Teresa de Ávila: é tempo de caminhar**. Trad. Silva Debetto. São Paulo: Loyola; Carmelitanas, 2015. p. 85-87.

que está intimamente ligado ao processo da vida espiritual e ao carisma de Santa Teresa:¹⁶²

Sobretudo às graças místicas que a moveram a renovar o Carmelo, orientando-o completamente à oração e à contemplação das coisas divinas, vivendo os conselhos evangélicos segundo a Regra “primitiva”, em uma pequena comunidade fraterna, fundada em solidão, oração e estrita pobreza.¹⁶³

A exigência do carisma teresiano é a oração, a consagração e todas as forças e energia de uma Carmelita Descalça devem ser orientadas para a salvação das almas. Tendo assim uma visão dinâmica do itinerário da criatividade carismática da reformadora, o carisma não é um documento para se conservar no museu, mas pôr em prática. O carmelita com a sua fidelidade ao carisma, responde a humanidade de hoje, vivendo de modo contínuo em busca de Deus e do ser humano. Sendo como um peregrino que vem de Deus e caminhando retorna a Ele.

Contudo, sem a oração, sem a fraternidade e sem o amor à Igreja, sem um forte e ardente desejo de evangelização e salvação dos outros o Carmelo não será mais Carmelo. Seria uma utopia e não mais o Carmelo desejado por Teresa.¹⁶⁴

Diante das experiências que Teresa viveu no Carmelo e com a reforma por ela conduzida, ajudou-a a escrever as obras que ajudam a trilhar um itinerário espiritual por nós apresentado que é o desapego, a humildade e a oração.

¹⁶² SCIADINI, 2015, p. 87.

¹⁶³ SCIADINI, 2015, p. 87-88.

¹⁶⁴ SCIADINI, 2015, p.90-91.

3 ITINERÁRIO ESPIRITUAL

A tradição cristã é composta por diversas dimensões que demarcam a busca do ser humano por Deus. Elas servem como meios na busca por um crescimento espiritual contínuo. É nesse sentido que encontramos expresso, principalmente na obra *Caminho de perfeição*, o que podemos chamar de tripé teresiano de espiritualidade. O objetivo desta parte é identificar as dimensões do desapego, da humildade e da oração encontradas na doutrina teresiana como possibilidades de crescimento no itinerário espiritual.

3.1 O DESAPEGO

Teresa, no livro *Caminho de perfeição*, capítulo oito, exorta suas seguidoras e seus seguidores sobre a necessidade do desapego. Mas, o que significa desapegar?

É atitude interior de espírito livre de qualquer ligação enganosa e egoísta com pessoas e coisas. Embora em sentido amplo o desapego possa coincidir e de fato coincide com outros termos, como: mortificação, renúncia, despojamento, abnegação, etc., não deve ser confundido nem com a insensibilidade e a dureza, nem com a indiferença egoísta em relação a tudo e a todos, ou com a falsa tranquilidade de quem curte beatamente a própria paz e o próprio bem-estar. Seu significado específico é precisamente este: liberdade interior em face das pessoas e das coisas.¹⁶⁵

O desapego é a condição da alma, pois é independente de todo o afeto não ordenado e egoísta, tanto no que tange a pessoa ou coisas. Ele é uma prática da liberdade. O apego a um objeto ou uma pessoa acaba prejudicando e limitando o campo da liberdade. Porque vivendo o desapego, mais liberdade se terá e quanto mais livre, mais desapegado será.¹⁶⁶

A doutora da Igreja afirma que quanto mais nos desapegamos dos bens terrenos, mais Deus infundirá em nós as virtudes e mais felicidades

¹⁶⁵ CARUANA, E. **Dicionário de mística**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003. p. 312.

¹⁶⁶ BERARDINO, 1999, p. 69.

teremos. Se em Deus estão todos os bens, resta-nos o desapego total de tudo.¹⁶⁷

Teresa também pediu, encarecidamente, às religiosas para que, se não estivessem contentes com o que estava estabelecido no mosteiro, dissessem abertamente, e ressalta que há outros mosteiros, que servem ao Senhor de outros modos. Onde poderiam ter a liberdade para encontrar e se consolar com seus parentes.¹⁶⁸

Ela continua exortando as religiosas, explicando que, se houver alguma delas que deseja para a própria satisfação, contentar-se com os familiares e parentes, não sendo através da oração, significa “[...] que não está sã, não usufrui de inteira paz, não tem liberdade de espírito, e tem necessidade de médico [...] Se não recusa esses apegos, não ficará desapegada por inteiro, não é para este mosteiro”.¹⁶⁹

Nesse sentido ela afirmará:

Pois bem! Crede-me, o que mais nos apega ao mundo é o afeto aos parentes, e é também o de que mais dificilmente nos desapegamos. Andam acertados os que saem de suas terras, se isto lhes vale, bem entendido. O desapego não consiste em fugir com o corpo, mas em abraçar-se a alma resolutamente com o bom Jesus, Senhor nosso. Nele a alma tudo acha, tudo esquece.¹⁷⁰

A doutora da Igreja exortou as religiosas que o melhor remédio para suas almas é não falar com os parentes até se sentirem livres e totalmente desapegadas, até que alcance do Senhor esta graça, por meio de muita oração. Ressalta que “quando as visitas chegarem ao ponto de servirem de cruz, poderão vê-los à vontade, pois, então, lhes farão o bem sem danos para a própria alma”.¹⁷¹

Portanto, o desapego não é reprimir o instinto ou ausência de impulsos e aspirações. Também não é ser impassível, insensível, indiferente diante da realidade e das situações que se vivencia, e não ser capaz de amar.

¹⁶⁷ TERESA DE JESUS. **Caminho de perfeição**. Paulus: São Paulo, 1979. p. 59.

¹⁶⁸ TERESA DE JESUS, 1979, p. 60.

¹⁶⁹ TERESA DE JESUS, 1979, p. 61.

¹⁷⁰ TERESA DE JESUS, 1979, p. 64.

¹⁷¹ TERESA DE JESUS, 1979, p. 61.

A reflexão é que quem não se ama, poderia se considerar como um falido, que perdeu a própria identidade e virou uma sombra.¹⁷²

Nessa direção, Bento XVI, na Audiência Geral do dia 02 de fevereiro de 2011, falou aos presentes sobre o desapego escrito pela carmelita espanhola:

Santa Teresa propõe as virtudes evangélicas como base de toda a vida cristã e humana: em especial, o desapego dos bens, ou pobreza evangélica, e isto diz respeito a todos nós; o amor mútuo como elemento básico da vida comunitária e social.¹⁷³

Por estarem enclausuradas, estava tudo pronto e não havia mais contra quem lutar. Mas ela exortou novamente suas irmãs para que não se dessem por seguras, nem dormissem fácil,

[...] trancado muito bem as portas por medo de ladrões e os deixa dentro de casa. Ficamos nós mesmas e bem sabeis que não há pior ladrão! Se cada uma não andar com grande cuidado. Contradizendo a própria vontade, como se fora este o mais importante de todos os negócios, muitas coisas haverá para tirar essa santa liberdade de espírito que impele a alma a voar para o seu Criador sem ir carregada de terra e chumbo.¹⁷⁴

Desapego para a carmelita não era fechar os olhos diante da realidade, mas apreciar cada coisa vivida e contemplar com o olhar cada coisa com um olhar cristão. E o nosso olhar deve nascer de nosso interior e estar iluminado pela libertação acontecida em nós através do Cristo ressuscitado. É preciso, evitar os desejos pegajosos que prejudicam, sufocam, prendem e ofuscam o nosso olhar, impedindo-nos de buscar as coisas do alto. Pois, como afirmava Teresa, evitar os desejos pegajosos que

¹⁷² BERARDINO, 1999, p. 69-70.

¹⁷³ BENTO XVI. Audiência Geral: **Santa Teresa de Ávila**. Vaticano, 02 fev. 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110202.html>. Acesso em: 11 jun. 2019.

¹⁷⁴ TERESA DE JESUS, 1979, p. 65.

prejudicam, sufocam, prendem e ofuscam o nosso olhar, impedindo-nos de buscar as coisas do alto.¹⁷⁵

É por meio do crescimento espiritual que se abandona o amor às futilidades, às vaidades, empregando as forças e energias naquilo que não se acaba, ou seja, “[...] por este meio, embora pareça insignificante, a alma se fortalece muito. Nas menores circunstâncias é preciso andar com o máximo cuidado”.¹⁷⁶

Nesse pensamento, a doutora percebe que o desapego é um dos pilares mais importantes que dá base para o itinerário da santidade. A mesma adverte a todos que

tudo depende dele, porque sem nenhum caso fizermos de todo o criado e abraçarmos somente o Criador, Sua Majestade nos irá infundindo na alma as virtudes. Se de nosso lado trabalharmos fazendo o que está a nossa alcance, pouco a pouco não teremos que lutar muito [...] pensais, irmãs, ser pequeno benefício esse desapego, que nos proporciona a felicidade de nos darmos totalmente e sem partilhas àquele que é nosso Tudo? E já que em Deus estão todos os bens, louvemo-lo muito [...].¹⁷⁷

E continua a acentuar os benefícios causados pelo desapego: “Resta desapegarmo-nos de nós mesmas. É bem duro separarmo-nos de nós mesmas, porque somos muito agarradas ao nosso eu e nos amamos excessivamente”.¹⁷⁸ Ela deixa claro e apresenta o desapego sem facilidades. Faz referência e aborda no assunto os nossos parentes os bens materiais, aos quais somos bem apegados e não abrimos mão muitas vezes. Todo o apontamento e colocação parte da experiência pessoal que ela viveu, sendo influenciada de maneira iluminativa por São João da Cruz.¹⁷⁹

3.2 A HUMILDADE

Teresa aborda o termo humildade, mas não desvinculado do desapego. Pois, quando o ser humano se desapega de si mesmo, então surge

¹⁷⁵ BERARDINO, 1999, p. 70.

¹⁷⁶ TERESA DE JESUS, 1979, p. 65.

¹⁷⁷ TERESA DE JESUS, 1979, p. 59.

¹⁷⁸ TERESA DE JESUS, 1979, p. 66.

¹⁷⁹ BERARDINO, 1999, p. 72.

a verdadeira humildade, que é uma virtude que anda junto com o desapego. São duas irmãs inseparáveis, disse a carmelita. Falava às religiosas “[...] que não é destas parentas que aconselha a fugir, mas antes ela quer que as irmãs as abracem, amem e nunca queiram viver sem elas”¹⁸⁰.

Muitas vezes a humildade é a virtude menos conhecida e, menos apreciada, Seu oposto, o orgulho, parece ser o soberano deste mundo, com domínio quase incontestado. Contra ele está a palavra do Senhor, cortante como uma espada: “Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 14,11). A humildade nasce do senso de Deus, e pode ter o senso de Deus só quem se põe em relação pessoal com ele. É necessário abrir os olhos para a sua glória. Então acontece três coisas: 1. antes de tudo sente-se o próprio nada. Não se trata de negar o bem que há em nós. A humildade é verdade, não hipocrisia. 2. Diante do Santo, o homem, se descobre “vendido ao pecado”. 3. Nasce então a atitude de confiança total em Deus, e só em Deus, atitude que se torna abertura para a graça.¹⁸¹

Francisco na sua Carta enviada ao Prepósito-Geral dos Carmelitas descalços, por ocasião do quinto centenário do nascimento de Teresa, evidencia a questão da humildade teresiana:

Para evitar tal risco, a Santa de Ávila aconselhou suas irmãs, antes de tudo a virtude da humildade, que não é descuido exterior nem timidez interior da alma, mas que cada um conheça as próprias possibilidades e o que Deus pode fazer em nós (cf. *Relações*, 28).¹⁸²

Por isso que a “humildade teresiana é feita de aceitação de si mesmo, de consciência da própria dignidade, de audácia missionária, de reconhecimento e de abnegação de Deus”¹⁸³. A doutora ressalta que para se construir um ambiente ideal em vista de facilitar a oração mental é

¹⁸⁰ TERESA DE JESUS, 1979, p.66.

¹⁸¹ CARUANA, 2003, p. 512.

¹⁸² FRANCISCO. Mulher excepcional. *L'Osservatore Romano*, Vaticano, 2 abr. 2015. Ano 46, n. 14, p. 09. p. cit. 09.

¹⁸³ FRANCISCO, 2015, p. 09.

necessária a humildade. Ela é uma base segura. De outro modo, ao invés de construir sobre a rocha, constrói-se sobre a areia e, portanto, sem nenhuma estabilidade.¹⁸⁴

Teresa tinha ciência de que por muito tempo ignorou a humildade e que se tivesse compreendido “[...] que o pequeno palácio, que é a alma dela, abrigava um grande Rei, não o teria deixado sozinho muitas vezes, mas teria se esforçado por ter a sua casa menos suja”.¹⁸⁵

Ela destaca que “a humildade e o desapego têm a propriedade de se esconderem de quem as possui, de maneira que nunca as vê, nem se persuade de as ter, mesmo que lho digam”.¹⁸⁶ Porque muito “as estima, que sempre anda procurando adquiri-las, e assim as vai aperfeiçoando em si cada vez mais. É fácil identificar os humildes e desapegados. Sem perceberem dão-se logo a conhecer”.¹⁸⁷

Quando enfatiza e diz que temos que renunciar a tudo, isso não quer significar, que para a pessoa se desapegar tem que entrar na vida religiosa. Mesmo a pessoa que busca viver em meio as grandes dificuldades o desapego e a humildade irão colaborar com um ambiente adequado na vida religiosa.¹⁸⁸

Em todos os seus escritos percebe-se que ela não deixa de aproveitar as oportunidades que surgem para falar da importância e da necessidade de uma autêntica humildade na vida espiritual e, de modo particular, perante a oração e a contemplação mística.¹⁸⁹

Para ela, “ao verdadeiro humilde, ainda por primeiro movimento, não ousará o demônio tentar em matéria de superioridades.”¹⁹⁰ Sabe-se que o inimigo é sujo e astuto. Mesmo assim, “é impossível uma alma humilde não sair com maior fortaleza e aproveitamento na humildade quando é tentado contra ela”.¹⁹¹

Está claro, nessa tentação ela revê sua passada, compara os seus pobres serviços com os benefícios recebidos de Deus, examina seus próprios pecados e

¹⁸⁴ BERARDINO, 1999, p. 87.

¹⁸⁵ AUCLAIR, Marcelle. **Santa Teresa de Ávila: a dama errante de Deus.** Trad. Maria da Soledade, Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1959. p. 167.

¹⁸⁶ TERESA DE JESUS, 1979, p. 66.

¹⁸⁷ TERESA DE JESUS, 1979, p. 66.

¹⁸⁸ TERESA DE JESUS, 1979, p. 74.

¹⁸⁹ BERARDINO, 1999, p. 87.

¹⁹⁰ TERESA DE JESUS, 1979, p. 75.

¹⁹¹ TERESA DE JESUS, 1979, p. 75.

o lugar onde merecia estar por eles. Considera também as grandezas que o Senhor realizou aniquilando-se a si mesmo para nos deixar exemplo de humildade. Isto faz tanto bem à alma, que o maligno não ousa tornar à carga, para não sair com a cabeça quebrada.¹⁹²

A humildade tem papel importante na vida de um ser humano. Vivendo a humildade, somos libertados da mesquinhez e preocupações inúteis. Se vê pessoas vivendo uma perturbação desnecessária com ocupações diversas por falta de humildade e perdem-se no medo de não conseguir algo de bom ou excelente. Precisamos ser contentes com o que somos e temos. Caminhando na humildade viveremos a verdade. Pode-se perceber que a carmelita era inteligente, mas quando chegava próximo a pessoas da alta nobreza, se atrapalhava e não conseguia dialogar e se habituar à regra de etiqueta que o mundo oferece e segue.¹⁹³

Diante das gafes da vida em que somos condenados injustamente, faz bem quando não nos desculpamos, nos diz ela:

Verdadeiramente é sinal de grande humildade deixar-se condenar injustamente e não se defender, pois é imitação perfeita do Senhor que assumiu todos os nossos pecados. Peço-vos encarecidamente que tenhais neste ponto o máximo cuidado porque é fonte de imensos benefícios. Não há absolutamente nenhuma vantagem em se defender, a não ser em certas circunstâncias em que o silêncio causaria desgosto ou escândalo. (...) É muito importante acostumar-se à prática desta virtude ou procurar alcançar do Senhor a verdadeira humildade, de onde nasce o não nos desculpamos.¹⁹⁴

Quando mais percebemos que somos ricos agraciados com a graça de Deus, mais conheceremos a nossa pobreza e se terá o crescimento para a verdadeira humildade. Quanto mais nos unirmos a Deus com humildade, mais frutos admiráveis iremos apresentar. É caminhando na humildade que se vive a perfeição e é perfeito não só quem vive de oração e do êxtase.¹⁹⁵

¹⁹² TERESA DE JESUS, 1979, p. 75.

¹⁹³ MADALENA, 2007, p. 88.

¹⁹⁴ TERESA DE JESUS, 1979, p. 85.

¹⁹⁵ AUCLAIR, 1959, p. 168.

Destaca-se que quanto mais é reduzida a distância da pessoa orante e de Deus, será mais essencial a humildade como atitude de toda a pessoa e para toda a vida. É de suma importância a compreensão existente e relacional que há entre humildade e progresso espiritual e devem ser obtidas entre as mais ásperas. Neste lance, tende para o mesmo fim a reflexão teológica como a experiência religiosa determinada.¹⁹⁶

Desta forma, revela-se que sem a humildade não há crescimento na vida como uma “nova criatura”, pois lhe falta qualquer firmeza. Considera-se, então, a perfeição como uma casa a construir: a humildade representa sua base ou fundamento. “Se as bases são sólidas, a casa ficará de pé; mas, se ocorre o inverso, cairá com os primeiros ventos e chuvas”.¹⁹⁷

Teresa no livro *Caminho de perfeição* (capítulo 16, item 2), fez uma comparação de humildade entre uma rainha e a Virgem Maria:

A rainha é a pedra que mais guerra faz ao rei nesse jogo e todas as outras a ajudam. Não há rainha que force o rei do céu a render-se como a humildade. Esta trouxe do céu às entranhas da Virgem, pela humildade o traremos às nossas almas, preso como por um fio de cabelo. E crede, quem mais enraizado estiver na humildade, mais o possuirá e quem menos humildade tiver, menos o possuirá.¹⁹⁸

Acresce que não há, nem pode haver humildade sem amor, nem amor sem a humildade,¹⁹⁹ pois “[...] não é possível existirem as duas virtudes, sem profundo desapego de toda a criatura”.²⁰⁰ Recorda então “[...] que mesmo os sábios possuem seus graus de preferência [...] e se um deles chegou à cadeira de Teologia, não deve mais voltar e ensinar Filosofia, porque o ponto de honra quer que se eleve e não caia”.²⁰¹

¹⁹⁶ BERARDINO, 1999, p. 87.

¹⁹⁷ BERARDINO, 1999, p. 88.

¹⁹⁸ TERESA DE JESUS, 1979, p. 89-90.

¹⁹⁹ “O pensamento moderno foi contaminado pelo neo-iluminismo com aparências francesas, por isso a humildade é tida como uma virtude passiva e produto de uma passagem pela cultura, sendo como algo não digno do *Homo sapiens* da era espacial.” In: BERARDINO, 1999, p. 88.

²⁰⁰ TERESA DE JESUS, 1979, p.90.

²⁰¹ MADALENA, 2007, p. 89.

A partir de seus escritos, a doutora da Igreja, ensinou suas filhas a reagirem com todas as suas forças contra as tentações do orgulho:

Se vos quereis vingar do demônio e vos livrar mais prontamente da tentação, deveis não somente avançar interiormente na humildade, mas, por vossos atos exteriores fazer de modo que vossa tentação reverta em proveito das irmãs. Assim, quando esta vos assaltar, pedi à priora que vos mande fazer algum ofício baixo, qualquer ato de humildade... estudaí a maneira de dobrar vossa vontade nas coisas que vos contrariam, e que o Senhor vos descobrirá; deste modo, a tentação durará pouco.²⁰²

Berardino acentua que, para os ambientes sadios, não há problemas e nem dificuldades em tomar como valor universal o termo fixado por Teresa, pois “[...] as experiências pessoais que vivemos têm como fonte aquilo que tiramos do fundo de nosso baú, como fez o pai de família no Evangelho que tirou coisas novas e velhas do baú”.²⁰³

Sabe-se que nós humanos somos carentes, muitas vezes murmura-se demasiadamente e alguns lacrimenam. O que falta em nós é ser seguros e confiar em Deus, sabendo que Ele não nos abandona. Pois,

a alma que carece de consolos anda humilde, receosa de que seja por culpa sua, sempre cuidando de progredir na virtude. Não vê alguém chorar uma lágrima que, se não as tem, não se julgue muito atrasada no serviço de Deus – deve estar, quem sabe, muito mais adiantada porque, embora as lágrimas sejam boas, nem todas são perfeitas.²⁰⁴

“Na humildade, mortificação, desapego e outras virtudes, há sempre maior segurança. Não tenhais receio de não chegar à perfeição dos grandes contemplativos”.²⁰⁵ Cabe a nós contemplar e imaginar a cena do Evangelho²⁰⁶ que tem as personagens de Marta e Maria, em que Maria fica aos pés de Jesus e Marta preocupada com os afazeres da casa. Dá a entender

²⁰² TERESA DE JESUS, 1979, p. 75.

²⁰³ BERARDINO, 1999, p. 88.

²⁰⁴ TERESA DE JESUS, 1979, p. 98.

²⁰⁵ TERESA DE JESUS, 1979, p. 98.

²⁰⁶ “Lucas 10, 38-42.” BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

que Marta não contemplou o Senhor, mas se Marta não preparasse o alimento Jesus não comeria. A doutora da Igreja diante desse episódio diz as irmãs e a nós também: “as que forem ativas não murmurem das que muito se enlevarem na contemplação”.²⁰⁷

A partir do que se explanou, é simples deduzir que a aproximação entre verdade e humildade é importante e imediata. É esta a razão pelo qual a qualidade requerida da humildade é definida pela verdade. A humildade é importante, pois ela surge do conhecimento e é resultado da verdade. Não haverá humildade que não tenha suas bases na verdade.²⁰⁸

O verdadeiro humilde sempre duvida de suas virtudes, e é muito comum que julgue mais certas e dê maior valor às que vê no próximo. Caso não haja humildade, ficaremos a vida inteira no mesmo lugar, em meio a mil sofrimentos e misérias.²⁰⁹

Pode-se compreender de modo perfeito a definição de humildade, na visão teresiana, que “[...] sem perder sua identidade, originalidade e praticidade, abordou sobre a humildade: ‘*lahumildad andar en verdad*’, ou seja, a humildade é andar na verdade”.²¹⁰

Teresa menciona que a nossa verdadeira riqueza consiste numa firme virtude de humildade e mortificação, “uma grande obediência que não se aparta um só ponto da vontade do prelado, cujas ordens são verdadeiramente de Deus, pois está em seu lugar”.²¹¹

3.3 A ORAÇÃO

Teve grande relevância esclarecer não só a importância que a oração tem na vida e no itinerário espiritual de Teresa, mas também como ela viveu, compreendeu e nos ensinou a oração.

A tradição clássica cristã, que se inspira na Sagrada Escritura do Antigo e Novo Testamento, para além de

²⁰⁷ TERESA DE JESUS, 1979, p. 98.

²⁰⁸ BERARDINO, 1999, p. 90.

²⁰⁹ SCIADINI, Patrício. **Santa Teresa de A a Z**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 190.

(b)

²¹⁰ BERARDINO, 1999, p. 90.

²¹¹ TERESA DE JESUS, 1979, p. 104.

qualquer definição de Deus expressa na multiplicidade da nossa linguagem, reconhece a oração como arquétipo e ideia primordial da relacionalidade entre o homem e Deus, que é um dos alicerces da Bíblia.²¹²

Antes de adentrar no conceito de oração, algumas premissas em âmbito geral sobre ela parecem fundamentais para melhor pôr em foco o que mais nos importa. A oração mental como recurso condutor de todas as ascensões espirituais que Teresa praticou e alcançou a divinização, ou seja, a total transformação em Deus a ponto de poder expressar com repleta consciência,²¹³ se baseia na passagem bíblica de São Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim”.²¹⁴

Teresa tentou oferecer algum remédio ou alívio diante da dificuldade de algumas pessoas:

É que muitas almas estão sujeitas ao tormento de não poder fixar o intelecto, e assim não vos afligireis quando isso acontecer. Há espíritos e entendimentos tão desbaratados como cavalos desenfreados. Não há quem os domine. Ora enveredam por um lado, ora por outro, sempre irrequietos. É sua natureza mesma, ou permissão de Deus.²¹⁵

É complicado quando vemos algumas pessoas sem direção e com sede de uma vida de oração, mas almejam e querem viver a oração. Chegam a trilhar o caminho vencendo os primeiros desafios que o inimigo coloca, mas no segundo momento se deixam vencer e preferem esmorecer, perde o ânimo e desanimando de lutar. Outros se animam a vencer o segundo momento e diante do terceiro momento em que estava quase próximo de saciar a sede na oração, desfalece. Essa sede é diferente da sede natural por água. Teresa conclui que seja uma “sede penosíssima e extenuante, traz consigo tal saciedade que afoga os ardores da sede humana, destruindo o afeto às coisas terrenas e dando fartura dos bens do céu”.²¹⁶

²¹² CARUANA, 2003, p. 803.

²¹³ BERARDINO, 1999, p. 92.

²¹⁴ Gl 2,20.

²¹⁵ TERESA DE JESUS, 1979, p. 109-110.

²¹⁶ TERESA DE JESUS, 1979, p. 110.

Recorda-se que a oração é em primeiro lugar um ato mais adequado para exprimir os sentimentos do ser humano com relação a Deus. Este ato de oração é expresso de diversos modos como: adoração, ação de graças, louvor, súplica, seja para si ou para o próximo. Na verdade, não existe outra opção melhor para aproximar-se de Deus, sob qualquer forma em que seja ponderado.²¹⁷

Teresa tinha uma aspiração bem definida e clara: “*Quero ver a Deus*”. Era uma mulher determinada e exortava as suas irmãs que era necessário ter na vida espiritual uma determinação. Constantemente ela dizia que queria ver a Deus, mas para ver a Deus, é preciso morrer. Teresa era extremamente apaixonada por Deus, mas descobriu que não era possível amar a Deus sem comprometer o coração. Para ela, amar era amar com o coração, e a oração era o auxílio mais seguro de libertação de todos os conflitos humanos.²¹⁸ Madalena enfatiza a fala de Teresa sobre a oração:

Para Teresa a oração mental é a preparação mais próxima à intimidade procurada pela alma, mais que um dia - se aprouver a Deus tornar-se-á mais profunda pela operação do Espírito Santo.²¹⁹

É essencial ter na memória que o ato de oração é o momento real e de maior intimidade, sendo o ato da mais notável unidade do ser humano. O orante não reza só com o coração, mas pode utilizar diversas vezes também os lábios, fechar os olhos para proporcionar o recolhimento ou os abre para fixar o céu, ou criaturas, imagens que se tem por devoção, juntar as mãos e se colocar de joelhos, inclinar a cabeça como sinal de respeito, súplica, despojamento, entrega e confiança. Pois, é “[...] o todo da pessoa que reza, sendo este todo: espírito e matéria, o coração e o corpo, a mente e a vontade”²²⁰.

No Brasil tem-se um expoente, Frei Patrício Sciadini, que escreveu e ainda escreve suas obras fundamentadas em Teresa. Em sua obra “*Deixe-se amar*”, relata que o primeiro trabalho a ser feito é desmistificar a oração, convencer-se de que não é difícil e que alguns não são privilegiados. É uma prática simples, normal e essencial do ser humano que ao longo de sua

²¹⁷ BERARDINO, 1999, p. 92.

²¹⁸ SANTO, Maria José do Espírito. **Santa Teresa de Jesus**: mestra e guia de oração. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2013. p. 15-16.

²¹⁹ MADALENA, 2007, p. 91.

²²⁰ BERARDINO, 1999, p. 93.

caminhada na terra necessita encontrar-se, dialogar, comunicar-se com o Senhor.²²¹

Os ensinamentos de Teresa pontuam que:

aos que o querem seguir sem parar; até o fim, até chegar a beber desta água de vida, direi como se há de principiar. Importa muito, e acima de tudo, uma grande e firme determinação de não parar até chegar à fonte, de água viva venha o que vier, suceda o que suceder, custe o que custar, murmure quem murmurar, quem chegue ao fim quer morra no caminho, ou falte coragem para os sofrimentos que nele se encontram. Ainda que o mundo venha abaixo havemos de prosseguir.²²²

Por isso diante das situações ou sentimentos como: alegria, dor, trabalho, movimento, repouso, cansaço, surpresa entre outros, não pode ser causa em que possa atrapalhar ou impedir a pessoa de rezar. Tudo pode estabelecer ou oferecer criando a conexão com a oração, e quando transformado em oração não se terá impedimentos de se praticar, mesmo se referindo a um sofrimento que envolve a pessoa em um leito por toda vida.²²³

Portanto, a oração é o suceder da vida, revestido de novidades no cotidiano, uma experiência contínua que colabora com o ser humano na maturidade humana e espiritual.²²⁴ “Rezar é o diálogo entre duas pessoas: o homem e Deus. Podemos perceber que os animais, as flores, as montanhas, as estrelas não rezam porque não sabem e não podem amar”.²²⁵ Não gozam da liberdade de amar ou não amar, é um louvor ao Senhor na qual se deixa envolver no seu Amor e poder e declarando-o com sua força criadora.²²⁶

Teresa provou a doçura de estar permanentemente com o Senhor, e sabe-se que nem sempre foi fácil a experiência de oração, pois ouvia muito:

‘Há perigos’, ‘fulana por aqui se perdeu’, ‘este se enganou’, ‘aquele que rezava muito, caiu’, ‘isto desmoraliza a virtude’, ‘não é para mulheres, sujeitas

²²¹ SCIADINI, Patrício. **Deixe-se amar**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 37. (a)

²²² TERESA DE JESUS, 1979, p. 125.

²²³ BERARDINO, 1999, p. 93.

²²⁴ SCIADINI, 2004a, p. 37.

²²⁵ SCIADINI, 2004a, p. 37.

²²⁶ SCIADINI, 2004a, p. 37.

a ilusões’, ‘melhor será que peguem do fuso’, ‘deixem-se dessas delicadezas’, ‘basta o *Pai-nosso e a Ave Maria*’.²²⁷

Para ela o contemplar era amar o Deus que se fez carne, por isso descobriu a Humanidade de Cristo. Ela possuía uma meta que era atingir o alvo: “a união transformante [...] vencer todas as batalhas espirituais, mesmo que precise morrer nas mãos dos mouros para atingir a união transformante do amor e ver a Deus face a face, assim como Moisés na sarça ardente”.²²⁸

Hoje se compreende a oração como algo importante, não desvalorizando os modos de oração do passado, mas cabe respeitá-los. A oração deve ser o eixo principal na vida do ser humano e ela não pode perder a qualidade. Não se pode aceitar uma separação do valor que existe na oração, mas deve-se reconhecer e ter consciência do limite e a necessidade de diversas vezes buscá-la. Mesmo quando por interesse enquadramos a oração, ela sempre será o desejo de Deus e nunca perderá seu valor.²²⁹

Francisco na sua Carta enviada ao Prepósito-Geral dos Carmelitas Descalços, por ocasião do quinto centenário do nascimento de Teresa, evidenciando-a como mestra da oração:

[...] Na sua experiência a descoberta da humanidade de Cristo foi central. Movida pelo desejo de partilhar essa experiência pessoal com os outros, descreveu-a de maneira vivaz e singela, ao alcance de todos, porque consistia em uma relação de amizade [...].²³⁰

A doutora nos deixou um tesouro repleto de propostas concretas, caminhos e métodos para rezar que “longe de nos fechar em nós mesmos ou de nos levar só a um equilíbrio interior, nos fazem recomeçar sempre a partir de Jesus e constituem uma autêntica escola para crescer no amor a Deus e ao próximo”.²³¹

Relatou Teresa, que algumas almas não conseguem recolher-se, nem segurar o intelecto na oração, nem fazer reflexões. Nem gostam de tocar no

²²⁷ TERESA DE JESUS, 1979, p. 125.

²²⁸ SANTO, 2013, p. 17.

²²⁹ BERARDINO, 1999, p. 94.

²³⁰ FRANCISCO, 2015, p. 09.

²³¹ FRANCISCO, 2015, p. 09.

assunto. Para ela, “há muitas pessoas que só de ouvir o nome de oração mental ou contemplação ficam atemorizadas”.²³²

Imagina-se que “a porta da oração é entrar no castelo, mas não é possível entrar no castelo sem ter a chave e sem abrir a porta. [...] O castelo é o interior, é a alma”.²³³ Em seu livro, *Castelo interior ou Moradas*, compara a alma do ser humano a um castelo

[...] todo ele de um diamante ou mui claro cristal, onde há muitos aposentos, assim como no Céu há muitas moradas. Que se bem o consideramos, irmãs, não é outra coisa a alma do justo, senão um paraíso onde Ele disse ter suas delícias.²³⁴

Este castelo interior é uma figura real e ideal ao mesmo tempo. Com sentido de várias faces ou características: símbolo da interioridade do homem, do esforço por realizar-se, sendo chamado a viver à transcendência. Adentrar neste castelo interior é o primeiro passo do ser humano chegar à plenitude. A começar das primeiras moradas do castelo teresiano até chegar às últimas moradas que é a união com Deus, presencia-se um processo de libertação e de conversão do ser humano, criado à imagem de Deus.²³⁵

Por isso que Teresa destacou o primeiro elemento importante sobre a oração e o seu efeito que é iluminador na vida da pessoa. Num primeiro momento, faz a pessoa conhecer claramente a vontade de Deus e pôr diante de si as exigências para fazer parte do Reino e ali permanecer; e, num segundo, faz a pessoa apresentar-se diante do seu próprio nada e mostrando que é incapaz radicalmente para desenvolver-se espiritualmente sem a ajuda divina. Exemplificando, a oração nos faz ver e contemplar quem é Deus e quem somos nós.²³⁶

3.4 UMA LEITURA PARA HOJE

A doutora provou nos seus livros e nas suas fundações que a interioridade não é obstáculo ao serviço do outro. Ela trabalhou

²³² TERESA DE JESUS, 1979, p. 140.

²³³ RODRIGUES, Anabela Neves. **Plenitude humana em Santa Teresa**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 12.

²³⁴ TERESA DE JESUS, 1981, p. 19.

²³⁵ RODRIGUES, 2015, p. 12.

²³⁶ BERARDINO, 1999, p. 109.

intensamente, conviveu com várias pessoas, passou por provações e não se afastou do Senhor. Percebia a sua presença em diversos lugares, justamente em virtude de longos anos que permaneceu enclausurada no silêncio. Ela sabia da importância do silêncio e, mesmo diante das viagens pela Espanha, esforçava-se em viver, mantendo consigo o ambiente de cela do convento.²³⁷

O itinerário espiritual que Teresa viveu, apresenta e indica às irmãs e frades, também propõe a nós, um itinerário que celebra a íntima aliança com Deus, sem abandonar o próximo.

Nota-se que Francisco vem apresentando preocupações com duas tendências culturais que se proliferam em nosso tempo: o neo-pelagianismo e o neo-gnosticismo.²³⁸ Quanto ao primeiro, destaca que:

“... o homem, radicalmente autônomo, pretende salvar-se a si mesmo, sem reconhecer que ele depende, no mais profundo do seu ser, de Deus e dos outros”. A salvação é confiada de tal modo às forças do indivíduo quanto às estruturas meramente humanas, não sendo capaz de acolher a novidade do Espírito de Deus.²³⁹

Esta tendência defende que a salvação acontece pelas próprias forças humanas, reforçando o individualismo, não aceitando a Pessoa de Jesus Cristo e a novidade do Espírito Santo que fomenta novas relações com Deus, com o próximo e com a criação.²⁴⁰

Já, quanto ao neo-gnosticismo defende que a salvação é “meramente interior, fechada ao subjetivismo, fundada no elevar-se com o intelecto para além da carne de Jesus, rumo aos mistérios da divindade desconhecida”.²⁴¹ Esta tendência defende que a salvação é individual e

²³⁷ NOYEN, Carlos. Caminho de interioridade. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 132, p. 225-234, 1980. p. 234.

²³⁸Recentemente foi assunto prioritário da Carta *Placuit Deo*, sobre alguns aspectos da salvação. FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. p. 63-65; EG 93-94.

²³⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta *Placuit Deo*. Sobre alguns aspectos da salvação cristã. Vaticano: 2018. Não paginado, PD 3. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.

²⁴⁰ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018, não paginado; PD 3-4.

²⁴¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018, não paginado; PD 3.

mental, limitada à interioridade, não aceitando a Encarnação de Jesus que se torna carne.²⁴²

O perigo de ambas as tendências está em se instalarem em nossas comunidades cristãs, inclusive na vida religiosa. No perceber de Francisco, pode ocasionar um grande estrago na vida cristã.²⁴³

No que diz respeito à oração, a doutora da Igreja, pode ajudar as nossas comunidades a viverem uma espiritualidade que supere o individualismo e a redução da interioridade. Sendo assim, o itinerário teresiano é um verdadeiro remédio contra essas tendências culturais, pois o mesmo é um o caminho de humanização, liberdade e transformação na vida do ser humano.²⁴⁴

Este itinerário gira em torno da oração e da ação apostólica que estão interligadas. É um sinal luminoso da mística cristã, nos falado caminho de humanização que passa pela renovação e amadurecimento das relações humanas, e pela significação da prestação do serviço a Deus, que por nós se fez homem. É importante valorizar nossas vidas e nos relacionarmos bem com os nossos irmãos, abandonando toda a atitude de orgulho, buscando com responsabilidade viver a harmonia nas relações e no serviço. Diante desses desafios, Teresa, com sua experiência e doutrina, nos inspira e encoraja.²⁴⁵

As obras de Teresa são lidas por diversas pessoas e entre elas destaca-se a intelectual ateia, Julia Kristeva,²⁴⁶ na qual relata sua profunda experiência com os escritos da doutora. Júlia citada por Dobner, em entrevista concedida ao *L'Osservatore Romano*, relata que

Os êxtases de Teresa são ao mesmo tempo e sem distinção, palavras, imagens e sensações físicas, espírito e carne, ou talvez precisamente carne e

²⁴² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018, não paginado; PD 3-4.

²⁴³ FRANCISCO, 2013, p. 62; EG 93.

²⁴⁴ PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Um convite a ouvir a voz de Santa Teresa de Jesus: a oração desenvolve as relações e está unida à ação apostólica. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 513, p. 69-81, 2018, p. 71.

²⁴⁵ PEDROSA-PÁDUA, 2018, p. 79.

²⁴⁶ “A intelectual ateia Julia Kristeva, de origem búlgara naturalizada francesa, é uma estudiosa que se move entre linguística, psicanálise, filosofia e narrativa. Ensina semiologia na State University of New York e na Université Paris 7 Denis Diderot. Entre os seus livros, *Thérèse mom amour* (2008).” DOBNER, Cristiana. Modernidade de uma mística. **L'Osservatore Romano**, Vaticano, 2 abr. 2015. Ano 46, n. 14, p. 08-09-10. p. cit. 08.

espírito: “o corpo não deixa de participar no jogo, e até muito”. Objeto e sujeito, perdida e reencontrada, dentro e fora e vice-versa, Teresa é um fluido, um fluxo constante.²⁴⁷

O importante é que quando lermos as obras de Teresa deve-se tomar o cuidado de não ficar só na área espiritual, mas trazer para a realidade. Fazer a relação da vida dela diante das manifestações, experiências e êxtases com Deus. Pois, não foi algo vivido de modo rápido, conforme Teresa foi crescendo com a educação de seus pais, foi tendo gosto e sede pelo campo espiritual. Soube suportar com sabedoria e paciência os sofrimentos, as doenças, os desafios de quando entrou no convento da Encarnação.

Ao fundar o mosteiro São José, reformando a regra, ela passou por momentos alegres, advindos de pensamentos, questionamentos, decisões, dificuldades. Fundou novos mosteiros para o ramo masculino e feminino e diante dessas fundações escreveu suas obras, teve fortes experiências, êxtases e arrebatamentos, porém, após a conversão sempre viveu o cotidiano desapegada de bens materiais e família, confiando humildemente em Deus e se encontrando com ele na oração.

Teresa nos dá um novo sentido de ser cristãos verdadeiros e autênticos, pois é possível vivermos desapegados do que nos circunda, caminhando com humildade e sabendo que somos dependentes de Deus. E através da vida de oração nos unamos a Ele que também se desapegou de si, dando o seu Filho Jesus Cristo por amor a nós, e que nos ensinou a rezar ao Pai e quando morreu na cruz Jesus desapegou-se de si mesmo, morrendo por amor a nós. E temos o Espírito Santo como guia consolador, Advogado que nos dá sabedoria para viver as virtudes e trilhar os caminhos que Jesus viveu.

²⁴⁷ DOBNER, 2015, p. 08, 10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise do desapego, humildade e oração no itinerário espiritual de Teresa de Ávila. Pode-se perceber que a vivência comprometida de um itinerário espiritual é exigente.

Teresa, em sua vida, e manifestamente em suas obras, passou por muitas dificuldades, provações e tribulações, mas jamais desanimou. Seus pais lhe ensinaram o caminho justo, correto, humilde e a busca incessante de Deus. A doutora conta em seus escritos o caminho que percorreu e os deslizes que viveu antes e depois de entrar no convento. Inicialmente em sua juventude houve deslizes relacionados às paixões, vaidade e apegos. É uma Teresa bastante apegada às coisas mundanas e não às coisas de Deus.

Porém, o tempo foi passando e Teresa buscou viver as virtudes e crescer, aprofundar e trilhar um caminho espiritual com Deus, para o seu bem e o bem de irmãs e irmãos. Diante da vivência no Carmelo, Teresa não concordou com alguns laxismos do mosteiro e analisou-os, tirando conclusões para iniciar uma reforma na Ordem do Carmo espanhola, que serviu tanto para o ramo feminino quanto para o masculino.

Claro que quando se lê, pode-se imaginar que a reforma foi fácil, mas sabe-se que o século XVI é marcado fortemente pela Inquisição Espanhola, pela Contrarreforma católica, e jamais uma mulher era ouvida naquele período. Entretanto, Teresa foi uma mulher de garra, determinada, corajosa, audaciosa e fervorosa na fé, que não desistia facilmente dos seus ideais.

É no Convento de São José que tudo começou, mas Teresa tinha sede de Deus e ao passar dos anos mandou construir mais mosteiros para os dois ramos: feminino e masculino, totalizando 32 mosteiros (17 femininos e 15 masculinos).

O que Teresa desejava era que as suas irmãs trilhassem o caminho da perfeição, caminho vivido por Teresa, mas não desenvolvido, pois foi inaugurado e fundamentado muito antes pelo próprio evangelho. Buscava-se um retorno às fontes da espiritualidade do Carmelo, que iniciou sob a inspiração dos profetas Elias e Eliseu e de Maria.

Teresa desenvolveu na obra *Caminho de perfeição* um itinerário espiritual para os mosteiros e, dentro do itinerário, um tripé espiritual. Este tripé inicia com uma palavra não muito fácil para os nossos dias: desapego. A doutora exorta a importância de desapegar-se de si mesmo e das coisas exteriores. Esse é o primeiro passo para subir para o próximo degrau.

O segundo degrau é a humildade, pois, quando uma pessoa sabe viver o desapego, logo ela apresenta ter sinais de humildade. A pessoa

humilde se deixa conduzir por Deus e, conseqüentemente, não gosta mais de pompas, torna-se verdadeira. O desapego e a humildade caminham juntos, não há uma dissociação.

O terceiro degrau é a oração mental que é um gesto do ser humano para exprimir os seus sentimentos com relação a Deus: ação de graças, louvor, súplicas, gemidos, seja para si ou para os outros. É um exercício para aproximar-se de Deus só com a oração. Por isso, Teresa era uma mulher orante e determinada. Hoje, pode-se perceber que falta essa característica em muitas pessoas de nossa sociedade.

Pode-se refletir que a oração está ligada à humildade e ao desapego, pois, para rezar é preciso estar desapegado de si, das coisas exteriores e ser humilde. A humildade exige o reconhecimento da total dependência de Deus. Então, quando desapegado e humilde, o ser humano conseguirá encontrar-se com o Senhor e deixar-se-á ser conduzido por ele.

O tripé espiritual teresiano tem por base a Palavra de Deus. Ele não se esgota nessas três características. Depois de trilhado esse caminho de crescimento, se chega ao amor; o amor a Deus e aos irmãos.

Por isso as pesquisas não esgotam por aqui, pois Teresa não para no tripé espiritual, mas vai além ao caminho da contemplação. Esse caminho exige muito mais que o tripé espiritual. Na obra *Castelo interior ou Moradas* ela explana sobre o castelo e as Moradas, que são sete Moradas.

Sabe-se que para chegar neste item da contemplação precisa do desapego total de si e das coisas materiais, para depois, com a humildade que está entrelaçada com o desapego, chegar a outro degrau importante que é a oração. Mas também não é a oração o ponto final do tripé espiritual. Após a oração inicia-se a contemplação, em que a alma se sente passiva, e a sensação é que outro opera nela. Esta experiência de passividade da alma é para Teresa, a característica da contemplação. A contemplação é um estado de oração onde a alma prova, em si, a ação de Deus.

Como aplicar o tema desse trabalho na vida de uma pessoa atea? Como apresentar ou encaixar esse tripé na vida de uma pessoa que se diz atea? Pode-se analisar se o ateu vive um desapego de si e das coisas materiais, se é humilde em quase todos os aspectos (embora falte a humildade de se reconhecer dependente de Deus), mesmo não vivendo uma vida de oração, mas se vive o silêncio, podemos pensar que o silêncio já é uma oração. Claro que, além disso, a pessoa atea teria que viver uma vida de doação, ajuda e amor ao próximo. Entretanto, essa reflexão sobre o itinerário teresiano e ateísmo seria tema para aprofundar em uma outra pesquisa.

Portanto, pode-se analisar e questionar: o desapego, humildade e oração no itinerário espiritual proposto por Teresa de Ávila é um bom

caminho para se chegar a Deus? Como relacioná-lo com outros meios? Obviamente, existem outros itinerários sugeridos por outros santos e doutores. No entanto, pode-se concluir que o itinerário proposto por Teresa é de suma importância e está fundamentado na Palavra de Deus. Apesar de se achar que o itinerário espiritual proposto seja só para as monjas e frades, é preciso admitir que na vida cotidiana um cristão ou não cristão tem a possibilidade de fazer esse itinerário de crescimento espiritual proposto por ela. Trata-se de um caminho que não é fácil. Exigirá, sempre, renúncias, sacrifícios, libertações, desapegos, humildade, serenidade e amor como condição para o encontro definitivo com Deus.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Felipe R. Q. **História da Igreja: Idade Moderna e Contemporânea**. Lorena: Cleófas, 2017.

_____, Felipe R. Q. **Para entender a Inquisição**. 3 ed. Lorena: Cleófas, 2010.

AUCLAIR, Marcelle. **Santa Teresa de Ávila: a dama errante de Deus**. Trad. Maria da Soledade, Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1959.

ARTUSO, Vicente. **Síntese histórico: Teológica da Vida Religiosa**. 125 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC), Florianópolis, 1979.

BARRIENTOS, Alberto. **Introducción a la Lectura de Santa Teresa**. Editorial de Espiritualidad: Madrid, 1972.

BENTO XVI. Audiência Geral: **Santa Teresa de Ávila**. Vaticano, 02 fev. 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110202.html>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BERNARD, José. **A inquisição: História de uma Instituição convertida**. Caderno 33. Petrópolis: Vozes, 1959.

BERARDINO, Frei Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**. São Paulo: Paulus, 1999.

BIHLMeyer, Karl; TUECHLE, Hermann; CAMARGO, Paulo. **História da Igreja: Idade Moderna**. V. 3. São Paulo: Paulinas, 1965.

BRITANICA, Escola. **Mouro**. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/mouro/481957>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CARUANA, E. **Dicionário de mística**. Trad. Benôni Lemos et alli. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003.

COMBLIN, José. **Curso Popular de História de Igreja**: As divisões. São Paulo: Paulinas, 1993.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta Placuit Deo**. Sobre alguns aspectos da salvação cristã. Vaticano: 2018. Não paginado, PD 3. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_co_n_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.

DOBNER, Cristiana. Modernidade de uma mística. **L'Osservatore Romano**, Vaticano, 2 abr. 2015, ano 46, n. 14,

EBIOGRAFIA. **Martinho Lutero**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/martinho_lutero/>. Acesso em: 28 mar. 2019.

FRANCISCO. Mulher excepcional. **L'Osservatore Romano**, Vaticano, 2 abr. 2015. Ano 46, n. 14, p. 09.

_____. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

FRÖHLICH, Roland. **Curso Básico de História da Igreja**. Trad. Alberto Antoniazzi. São Paulo: Paulus, 1987.

GONZALES, Justo L. **A era dos reformadores**. São Paulo: Vida nova, 1989.

GUIA, Edenilson M.; NETO, Ivo Fitz; COSTA, Maria E. F. **Qual foi a contribuição da Reforma Protestante para a educação pós-moderna no Brasil**. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade de Pindamonhangaba (FUNVIC), São Paulo, 2016.

GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. **O amor é uma seta enviada pela vontade** : As meditações de Teresa de Ávila sobre o amor de Deus no Cântico dos Cânticos. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOSÉ, Padre Jaime de São. **Vida e doutrina de Teresa de Jesus**. 2 ed. Porto: Portugal, 1947.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Moradas de Santa Teresa de Jesus: um itinerário de Amor.** Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/572660-moradas-de-santa-teresa-de-jesus-um-itinerario-de-amor> >. Acesso em: 20 maio 2019.

ITURRALDE, Cristian. **A inquisição: um tribunal de misericórdia.** Campinas: Ecclesiae, 2017.

MADALENA, Gabriel de S. Maria. **Santa Teresa de Jesus: mestra da vida espiritual.** 6. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

MAIOR, A. Souto. **História Geral.** Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1971.

MATOS, Henrique C. José. **História do Cristianismo: estudos e documentos, período Moderno.** Belo Horizonte: O lutador, 1997.

MILLER, René Fülöp. **Os santos que abalaram o mundo.** Trad. Oscar Mendes. São Paulo: José Olympio, 1948.

MONDONI, Danilo. **História e teologia da espiritualidade.** São Paulo: Loyola, 2014.

MUZALA, Ronaldo. A vida religiosa: seu lugar no presente e no futuro. Sinais convergentes. Um olhar histórico de ontem e de hoje. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 459, p. 132-156. 2013.

NOYEN, Carlos. Caminho de interioridade. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 132, p. 225-234, 1980.

PFIZER. **Sua saúde.** Disponível em: < <https://www.pfizer.com.br/sua-saude/dor-neuropatica> >.

PAZZINATO, Alceu Luiz; SENISE, Maria Helena Valente. **História Moderna e Contemporânea.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Um convite a ouvir a voz de Santa Teresa de Jesus: a oração desenvolve as relações e está unida à ação apostólica. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 513, p. 69-81, 2018.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1982.

RELA, Nara. **O Platonismo Na Mística Da Obra "Subida Do Monte Carmelo" De São João Da Cruz**. Ed. do autor: São João Del Rey, 2009.

RODRIGUES, Anabela Neves. **Plenitude humana em Santa Teresa**. São Paulo: Paulus, 2015.

ROZIN, Claudemir. **In obsequio Iesu Christi**: A fraternidade carmelitana na Igreja de comunhão. Roma: Edizioni Carmelitane, 2013.

SANTO, Maria José do Espírito. **Santa Teresa de Jesus**: mestra e guia de oração. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

SCIADINI, Patrício. **Deixe-se amar**. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2004. (a)

_____. **O Carmelo**: História e Espiritualidade. Carmelitanas; Loyola: São Paulo. 1997.

_____. **Santa Teresa de A a Z**. São Paulo: Loyola, 2004. (b)

_____. **Teresa de Ávila**: é tempo de caminhar. Trad. Silva Debetto. São Paulo: Loyola; Carmelitanas, 2015.

SESÉ, Bernard. **Teresa de Ávila: Mística e andarilha de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUVIGNIER, Brita. Teresa of Avila: a woman between heaven and Earth. **Carmelus**, Roma, v. 58, f. 1, p. 143-161, 2011.

SUA PESQUISA.COM. **Torquemada**. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/quemfoi/torquemada.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

TERESA DE JESUS. **As Fundações**. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Caminho de perfeição**. Paulus: São Paulo, 1979.

_____. **Castelo interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2017.

_____. **Livro da Vida**. 12. ed. Trad. Maria José de Jesus. São Paulo: Paulus, 2011.

TESTAS, Guy; TESTAS, Jean. **A inquisição**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968,

TÜCHLE, Germano. **Nova História da Igreja: Reforma e Contra-Reforma**. Petrópolis: Vozes, 1971.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WIKI LIVROS. **Estado moderno**. Disponível em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/Estado_moderno>. Acesso em: 28 mar. 2019.

WILDERINK, Vital. Santa Teresa de Ávila: uma renovadora da vida religiosa. **Convergência**, Brasília: CRB, n. 156, p. 485-500, 1982.

ZAGHENI, G. **A idade moderna**: Curso de História da Igreja III. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.